

# **A METAMORFOSES**

**Ovidio**

**InfoLivros.org**



## SINOPSE DE A METAMORFOSES

A Metamorfozes é um poema escrito em verso pelo poeta romano Ovídio. É composto por 15 livros nos quais é contada a história da humanidade, desde sua gênese até a deificação de Júlio César. A obra é uma das mais representativas da época de ouro da literatura latina, e uma das mais lidas durante a Idade Média e séculos posteriores.

O romance de Ovídio inclui elementos históricos e mitológicos da cultura greco-romana. Metamorfozes, o título da obra, honra as muitas mudanças de forma que ocorrem em suas histórias. Inclui alguns dos mitos mais influentes da literatura ocidental, como Apolo e Daphne, e Jacinto e Pigmalião.

Se você quiser ler mais sobre este livro, você pode visitar o seguinte link

[A Metamorfozes por Ovidio em InfoLivros.org](#)

**Se desejar ler este trabalho noutras línguas, basta clicar nos links correspondentes:**

- Inglês InfoBooks.org: [The Metamorphoses author Ovidio](#)
  - Espanhol InfoLibros.org: [The Metamorphoses author Ovidio](#)
- 

**Se quiser aceder à nossa biblioteca digital com mais de 3.500 livros para ler e descarregar gratuitamente, convidamo-lo a visitar esta página:**

- [+3,500 livros gratuitos em formato PDF em InfoLivros.org](#)

## LIVRO I

Faz-me o estro dizer formas em novos corpos mudadas.

Deuses, já que as mudastes também, inspirai-me a empresa e,  
da origem do mundo ao meu tempo, guiai este canto perpétuo.

Antes do mar, da terra e céu que tudo cobre, 5

a natureza tinha, em todo o orbe, um só rosto a que chamaram  
Caos, massa rude e indigesta; nada havia, a não ser o peso  
inerte e díspares sementes mal dispostas de coisas sem nexo.

Inda nenhum Titã iluminava o mundo, 10

nem Febe, no crescente, os chifres renovava, nem a terra  
pendia no ar circunfuso,

suspensa no seu peso, nem, por longas margens, os seus braços  
havia espraído Anfitrite.

E como ali houvesse terra e mar e ar, 15

instável era a terra, a onda inavegável

e o ar sem luz; a nada adería uma forma,

e cada coisa obstava outras, pois num só corpo o frio combatia  
o quente, o seco o úmido,

o mole o duro, e o peso o que não tinha peso. 20

Deus ou douta natura esta luta sanou,

pois do céu separou a terra, e desta as ondas, e do ar espesso  
um céu límpido discerniu.

E depois que os tirou do disforme conjunto,  
cada qual num lugar ligou, em paz concorde. 25

Do céu convexo, força ígnea e sem peso surgiu e se alocou no  
mais alto da abóbada; o ar, dela, se aproxima em leveza e  
lugar;

mais densa, a terra atrai os elementos grandes  
e é premida por seu peso; a água circunfluida 30

ocupou o restante e cercou o orbe sólido. Assim aquele deus,  
fosse qual fosse, a massa, primeiro, dividiu em lotes e ordenou,  
para que igual ficasse em toda a parte, dando  
à terra a aparência de um imenso orbe. 35

Então o mar romper-se com os ventos rápidos mandou e  
circundar os litorais da terra.

Reuniu pântanos, fontes e grandes lagoas, por entre sinuosas  
margens cingiu rios,

que em parte se absorvem em vários locais, 40  
em parte vão ao mar, e acolhidos no campo

de águas livres, em vez de margens, tocam praias. Mandou  
dilatatar campos, vales abaixar,

selvas cobrir de folha, erguer montes rochosos.

E, como há no céu duas zonas à direita 45

e outro tanto à esquerda e uma quinta mais tórrida, assim um  
deus zeloso o globo dividiu

por igual, e outras tantas plagas tem a terra. Por causa do  
calor, não se habita a mediana,

cobre duas a neve; entre ambas pôs as outras, 50

que, misturando fogo ao frio, temperou.

Cobre-as o ar, que tanto é mais leve que a terra e a água,  
quanto mais pesado do que o fogo.

Lá as névoas, e lá as nuvens, pendurar

mandou, também trovões que aterram mente humana 55

e os ventos que, com raios, rabiscam relâmpagos.

O criador do mundo, entanto, não lhes deu

a posse do ar ao léu; a custo, agora, impede-os

- embora cada qual assopre em sua rota -

de o mundo varrer, pois grande é a rixa entre irmãos. 60

Euro se foi à Aurora, aos reinos nabateus, à Pérsia e às  
montanhas sob luz matutina; Vésper e as praias, mornas pelo  
sol poente,

de Zéfiro estão perto; a Cítia e o Setentrião

Bóreas frio invadiu; a região contrária 65

se umedece de chuva e assíduas nuvens de Austro. Em cima pôs o éter límpido e sem peso, que nenhuma impureza terrena contém. Logo que dispôs tudo em seus limites certos,

estrelas, muito tempo sob profundas trevas, 70

põem-se a cintilar na vastidão do céu. Para que não houvesse lugar sem ser vivo, astros e deuses moram em solo celeste, coube aos peixes brilhantes habitar as ondas, às feras coube a terra, o ágil ar às aves. 75

Um animal mais nobre e mais inteligente, que dominasse os outros, ainda faltava.

Nasceu o homem, ou fê-lo com sêmen divino o autor de tudo, origem de um mundo melhor,

ou a terra recém-separada do alto 80

éter retinha o sêmen do céu, seu irmão; misturando-a à chuva, o nascido de Jápeto plasmou-a à imagem de deuses potentes; os outros animais, curvos, miram a terra,

ao homem, dando olhar sublime, o céu mirar 85

mandou e dirigi-lo, o porte ereto, aos astros. Assim a terra, há pouco rude e disforme, transformou-se em figuras inéditas de homens. Primeva, a idade de ouro, sem ultor nem lei,

cultivava o direito e a fé espontaneamente. 90

Faltos de pena e medo, em bronze não se liam ameaças, nem,  
súplice, a turba temia

juiz, mas, sem ultor, sentiam-se seguros.

Dos montes não descera ainda o pinho às ondas,

visitando o estranho orbe, e mortal algum 95

dos outros litorais sabia, fora o seu.

Fossos fundos ainda não cingiam muros; não havia clarim reto  
ou curva corneta, nem capacete e espada; e, sem usar polícia,

as pessoas em paz fruíaam doces ócios. 100

A terra mesma tudo dava, sem impostos, intacta de rastelo ou  
arados quaisquer; contentes com os frutos dados sem esforço,  
colhiam o medronho e morangos silvestres,

as cerejas e amoras nas moitas de espinho 105

e as landes que caíam da árvore de Júpiter. A primavera era  
eterna e em sopros tépidos aflagavam incultas flores calmos  
Zéfiros.

Logo, intocada, a terra produzia grãos

e o campo branquejava de espigas pesadas; 110

ora corriam rios de leite ou de néctar

e do verde azinheiro o louro mel brotava. Após Saturno ir ao  
tenebroso Tártaro, sob Júpiter surgia a idade de prata,

inferior à de ouro e melhor que a de bronze. 115

Júpiter encurtou a primavera antiga

e, com inverno, outono inconstante, verão e primavera, ao ano deu quatro estações.

Então o ar abrasou-se com ardores secos

e por causa do vento o gelo se encrespou. 120

Então surgiram casas. Casas eram grutas, galhos presos em córtice e arbustos densos. Enfim, em longos sulcos lançaram sementes de cereais e os bois gemeram sob o jugo.

Em terceiro lugar veio a raça de bronze, 125

de instinto mais feroz e dada a horríveis armas, porém, não criminosa. A de ferro é a última; logo assomou na idade deste vil metal

todo o crime; o pudor, a verdade e a fé foram

substituídos pela fraude e pelo dolo, 130

por ciladas, violência e desejo de posse. Deram velas aos ventos ignorados pelo navegante e as quilhas há muito plantadas em montes altos em ignoto mar lançaram,

e em terra antes comum, qual luz do sol e o ar, 135

um cauto agrimensor demarcou os limites. Nem só colheita e grãos vindos da rica terra exigiam; porém adentraram-lhe as vísceras,

e os bens que ela escondera na sombra do Estige  
foram desenterrados, provocando males. 140

E já o ferro nocivo, e o ouro bem pior,  
surgira: e surge a guerra em que cada um brande em mão  
ensangüentada as armas crepitantes.

Vive-se da rapina, o sogro teme o genro;  
o hóspede, o anfitrião; rara a paz entre irmãos. 145

Os cônjuges desejam a morte um do outro; madrastas más  
fabricam venenos terríveis; o filho anseia o fim prematuro dos  
pais.

Jaz vencida a virtude, e a virginal Astréia,  
por fim, deixou a terra úmida de mortes. 150

Não era o alto éter mais salvo que a terra,  
pois, contam, os Gigantes ergueram montanhas até os astros,  
querendo o reino celestial.

Então o onipotente pai trincou o Olimpo  
com raios e arrojou o Pélion Ossa abaixo. 155

Soterrados os corpos dos monstros nos montes, a Terra,  
umedecida em sangue de seus filhos, insuflou vida ao sangue  
ainda quente deles,

e, para que vestígio algum da estirpe houvesse,  
deu-lhes a face de homens. Mas tal geração 160

os deuses desprezou e se mostrou violenta e assassina: sabia-se nascida em sangue.

Quando o satúrnio pai do alto trono viu isso, geme e,  
lembrando o torpe festim de Licáon,

fato recente ainda inédito, no espírito 165

concebe iras ingentes e dignas de Júpiter,

e convoca o conselho; que vem sem demora. Existe em céu sereno uma sublime via:

Láctea chamada, de brancura bem notável.

Por lá os deuses vão até a casa real 170

do grão Tonante. À destra e à esquerda, os átrios dos nobres deuses são, de porta aberta, honrados. Outros locais a plebe habita; à frente ilustres deuses potentes seus palácios dispuseram.

Este lugar, se me permitem a expressão, 175

ousaria chamar Palatino celeste.

Reunidos os deuses na mansão de mármore, o próprio excelso, segurando o cetro ebúrneo, terrível cabeleira agitou três ou quatro

vezes, movimentando a terra, o mar e os astros. 180

Depois, soltou, assim, palavras indignadas:

“Eu não me afligi mais pelo poder do mundo do que quando os angüípedes se preparavam para lançar ao céu cativo os seus cem braços.

Pois, embora o inimigo fosse fero, aquela 185

guerra só dependia de uma raça e origem. Agora, onde Nereu ressoe em todo orbe, finirei a mortal raça. Juro por inferos

rios que correm sob a terra em bosque estígio,

que antes tudo tentei, mas, ferida incurável, 190

para salvar a parte sã, passe-se à espada. Obedecem-me os semideuses, deuses rústicos, ninfas, faunos, silvanos monteses e sátiros, que, ainda não honrados no céu, deixaremos

certamente habitar as terras que lhes demos. 195

Deuses, credes que aqueles estão bem seguros, quando o feroz Licáon prepara ciladas

para mim que detenho e reço o raio e a vós?”

Comoveram-se todos e exigem castigo

a quem fez isso. Assim, quando a ímpia mão quis 200

findo em sangue de César o nome de Roma, atônito, o homem teve medo de uma súbita ruína, e todo o orbe se aterrorizou.

Augusto, não te agrada a piedade dos teus

menos que aquela a Jove. E, após ele abafar 205

com mão e voz murmúrios, todos se calaram. Quando o clamor cessou sob seu régio poder, Júpiter rompe em novos termos o silêncio:

“Licáon já cumpriu pena, descuidai disso;

todavia exporei o seu crime e castigo: 210

a infâmia dessa idade chegara aos ouvidos; desço do Olimpo, desejando-a fosse falsa,

e, como um deus em forma humana, corro a terra.

Longo seria enumerar quanta injustiça

havia em toda parte: a fama não diz tudo. 215

O horrendo Ménalo, covil de feras, vi, e o Cilene e os pinhais do gélido Liceu. Adentro então o paço do tirano inóspito da Arcádia, ainda sob a luz crepuscular.

Dei sinais de que um deus chegara, e o povo a orar 220

começa. Mas Licáon ri dos pios votos;

e diz: “Verei se é deus realmente, ou mortal, com clara distinção e sem sombra de dúvida”.

Quer me dar, sob sono profundo à noite, morte

inesperada: agrada-lhe a confirmação. 225

Não contente com isso, a um refém molosso corta o pescoço à espada, amoleceu-lhe parte dos membros semimortos em água fervente

e assou a outra parte em postas sobre o fogo.

Logo que as pôs na mesa, lancei chama ultriz 230

contra o dono da casa e seus dignos penates. Ele foge e,  
aterrado, em campo silencioso, ulula , em vão tentando falar;  
ele próprio recolhe a raiva à boca e ávido de mortes

volta-se contra o gado e em sangue se compraz. 235

A veste se converte em pelo e braço em perna; faz-se lobo e  
conserva algo da antiga forma:

as mesmas cãs, o mesmo rosto violento,

o mesmo olhar brilhante e um furor idêntico.

Uma só casa pereceu, mas não a única 240

a merecer: a fera Erínia reina ubíqua. Parece crime organizado!  
Possam todos sofrer a pena merecida (sentencio).”

Uns aprovam e aplaudem o fremente Júpiter,

outros apenas dão o seu consentimento. 245

Mas a perda do gênero humano condói a todos; qual será ,  
perguntam, o futuro

da terra sem mortais, quem levará incenso no altar, será a terra  
assolada por feras?

Responde a tudo o rei dos deuses e os impede 250

temer o que for, pois geração bem diversa daquela, de admirável origem, promete.

E já ia espalhar raios por toda a terra; mas temeu o éter sacro receber as chamas

e arder inteiramente ao léu o longo eixo. 255

Também, lembra que está nos fados vir o tempo, em que mar, terra e o paço do céu arderiam

em chamas e o conjunto do mundo ruiria. São depostos os dardos feitos por Ciclopes.

Pena diversa apraz-lhe: o gênero mortal 260

perder sob água, e envia temporais do céu.

Logo, nas grutas de Éolo, o Áquilo comprime,

e quaisquer ventos que afugentam nuvens densas, e solta o Noto. Que se evola em asas úmidas,

com o rosto terrível sob escura névoa; 265

barba cheia de chuva, escorrendo das cãs; brumas na testa estão; asas e seio orvalham.

E, quando pôs a mão larga em nuvens suspensas, fez-se um fragor; e densas chuvas do éter caem.

Íris, nuncia de Juno, em vestes coloridas, 270

sorve as águas e leva alimentos às nuvens. Destroem-se os grãos, jaz ao chão o voto inútil do colono, e a labuta vã de um longo ano.

Nem a ira de Júpiter se ateve ao céu,  
e o cerúleo irmão ajuda-o com águas. 275

Chama os rios, aos quais diz, quando no palácio do soberano entraram: “ Não é hora agora de tão longo discurso. Expandi vossa força; é preciso. Abri as comportas e, então, soltai todas as rédeas de vossas correntes”. 280

Mandou; estes retornam e abrem boca às fontes, e, em abalado curso, atiram-se nos mares.

O próprio deus feriu a terra com tridente; e ela tremeu e abriu o caminho das águas.

Livres os rios vão pelos campos abertos; 285  
e arrastam árvores, searas, gado e homens; lares e santuários e objetos sagrados.

Se alguma casa insiste em pé em tal desastre, onda mais alta irá cobrir o seu telhado,

e as torres sumirão em turbilhões adentro. 290

Nenhuma diferença tinham mar e terra;  
tudo era água, nem praia havia junto ao mar. Este ocupa a colina, aquele, adunca barca,

e leva os remos onde há pouco havia arado.

Outro navega sobre as searas ou tetos 295

submersos, e há quem pesque peixe em alto olmo. Com sorte  
fixa-se em virente prado a âncora,

ou esmagam vinhedo as quilhas recurvadas

e onde antes gráceis cabras pastaram a grama,

agora informes focas repousam seus corpos. 300

Admiram bosques, casa e cidades, sob água,

Nereidas; e os golfinhos nas selvas deslizam

de altos ramos, e chocam-se contra os carvalhos.

Lobo nada entre ovelhas; fulvos leões, tigres

a onda arrasta; nem a força ao javali, 305

nem ao cervo submerso ágeis pernas ajudam, e ave errante

caiu no mar, asas cansadas, depois de muito procurar pouso na  
terra.

As águas do oceano as colinas cobriram

e ondas insólitas os cumes percutiam. 310

A água não poupou quase ninguém e quem salvou-se dela, em  
longo jejum pereceu.

A Fócida feraz separava os Aônios

dos confins do Eta, outrora, mas naquele tempo  
era parte do mar, solidão de águas súbitas. 315

Aí, monte de nome Parnaso dois vértices eleva até o céu,  
ultrapassando as nuvens. Param aqui Deucálion e a mulher,  
num barco pequeno, pois as águas encobriram tudo;

numes do monte, adoram, as ninfas Corícidas 320

e a fatídica Têmis, que emitia oráculos.

Não houve homem melhor, nem mais justo que ele; nem mulher  
mais temente aos deuses do que aquela.

Júpiter quando viu o orbe inchar-se de pântanos

e sobrar um só homem de tantos milhares,325

e dentre tantas mil, uma mulher apenas, ambos tão devotados  
a deus e inocentes,

as nuvens dispersou, levando a chuva Áquilo, e mostra a terra  
ao céu, como o éter à terra.

Nem a ira do mar resta, e o senhor do pélogo, 330

sem o tridente, acalma as águas e convoca Trítion cerúleo que  
flutua à superfície, ombro envolto em nativa púrpura e ordena  
soprar o búzio que ressoa e, dado o aviso,

reunir ondas e rios. Ele empunha a oca 335

trombeta, arredondada em espiral crescente, trombeta que soprada no meio do mar enche de som as praias sob a luz de Febo.

Quando tocou os lábios úmidos do deus  
de barba gotejante, e soa a retirada, 340

toda a água da terra e do oceano escuta, logo estancando  
todas as suas correntes. Já o mar ganha praia e leito os rios  
cheios, cuja água reflui, os montes aparecem;

surge a terra, o chão cresce ao decrescer a água 345

e após um longo tempo as florestas ostentam copas nuas e  
limo retido nos ramos.

Refeito estava o orbe. Após o vir deserto e desolado, envolto  
em silêncio profundo,

com lágrimas, Deucálion assim diz a Pirra: 350

“Ó irmã, ó mulher, sobrevivente única,

a origem comum e o matrimônio uniram-nos, os perigos agora  
nos unem, pois somos

nós dois, a ocidente e a oriente, a única

população da terra; o mar tem as demais. 355

Não estamos seguros quanto à nossa vida; ainda agora, as  
nuvens aterram-me a mente.

Que ânimo, infeliz, terias se o destino te tirasse de mim? Como  
suportarias

sozinha este terror? Quem te consolaria? 360

Pois eu, crê-me, se o mar te tragasse, também te seguiria,  
esposa, até o fundo do mar.

Que eu possa restaurar os povos com as artes paternas e  
infundir vida à terra refeita!

Da estirpe dos mortais resta, agora, nós dois, 365

exemplares de homens, por favor divino”. Dito isso, choraram.  
Decidem pedir auxílio celestial, inquirindo os oráculos.

Sem demora, dirigem-se às águas do Céfiso,

que, embora turvas, já corriam no seu leito. 370

Dali, quando aspergiram as águas sagradas na veste e na  
cabeça, vão até o templo

da augusta deusa, cujo teto estava sujo de torpe musgo e sem  
o fogo nos altares.

Quando tocaram os degraus do templo, prostram-se, 375

no chão e com temor beijam a pedra fria, dizendo: “Se vencidos  
pelas justas preces os numes abrandarem a ira dos deuses,  
dize-nos, Têmis, como reparar o dano

e traze auxílio à terra submersa, boníssima”. 380

A deusa comovida diz: “Deixai o templo, recobri a cabeça e  
desprendeis as vestes,

e ossos da grande mãe atirai pelas costas”.

Muito tempo aturdidos, rompeu o silêncio

primeiro Pirra e não quer atender a deusa, 385

pede perdão tremendo, pois teme ofender as sombras  
maternais, ao atirar os ossos. Entretanto repetem o dito do  
oráculo,

e sobre o seu obscuro mistério meditam.

O prométide, enfim, acalma a epimétide 390

dizendo assim: “Ou falta a nós a perspicácia, ou algum  
sacrilégio intenta o pio oráculo.

Terra é a grande mãe; as pedras são os ossos

da terra, para trás lançá-las nos ordenam”.

Mesmo tocada pelo augúrio do marido, 395

a Titânia duvida e ambos desconfiam

de ordens do céu; porém o que custa tentar? Distam-se, o rosto  
cobrem, desatam a túnica e arremessam as pedras por sobre  
as pegadas.

As pedras (quem, senão por tradição, creria?) 400

vão perdendo a dureza e o rigor e amolecem, e quando  
amolecidas, elas se transformam. E logo que cresceram,

ficaram mais brandas, de modo que se pôde ver formas  
humanas,  
ainda que inexatas, qual esboço em mármore, 405  
e muito semelhantes a rudes estátuas. Porém, aquela parte em  
sumo umedecida, de terra transformou-se em matéria carnal; e  
o que era sólido e inflexível virou ossos;  
aquilo que era um veio, veia se tornou; 410  
logo, graças aos deuses, as pedras lançadas pelo varão  
tomaram forma de varões  
e da mão da mulher surgiram as mulheres. Daí que, sendo  
espécie apta à dura labuta,  
damos prova de termos nascido das pedras. 415  
Os outros animais, em diversos formatos, a terra, por si mesma,  
gerou, quando o sol  
as águas esquentou, e a lama e aquosos brejos ferveram de  
calor e as fecundas sementes  
nutridas em vivaz chão, qual ventre de mãe, 420  
cresceram e ganharam forma com o tempo. Assim, quando o  
setênfluo Nilo os campos úmidos deixou e retornou ao seu  
antigo leito,  
e o limo novo ardeu-se sob etéreo astro,  
os lavradores acham nas glebas revoltas 425  
diversos animais, alguns mal-começados,

no exato instante de nascer, ou incompletos, de membros  
imperfeitos, parte às vezes vive

em corpo, em que outra parte ainda é rude terra.

Pois, quando temperados, calor e umidade 430

produzem vida e tudo deriva dos dois;

e da luta do fogo e da água, o vapor cria

tudo, e aos partos convém a união dos contrários.

Logo após o dilúvio, a terra lutulenta

se aqueceu com os sóis etéreos de verão 435

e produziu inúmeros seres, em parte refazendo a antiga forma,  
ou novos monstros. Sem vontade, gerou-te, ó grandíssima Píton,  
e, incógnita serpente, aterravas os novos

povos, pois ocupavas tanto espaço em monte. 440

O deus arcífero que nunca usara armas, a não ser contra  
corças e cabras fugindo,

matou-a, com mil dardos, e quase esgotou a aljava,  
vulnerando-a com negro veneno.

Para que a tradição não esquecesse o feito, 445

instituiu os célebres certames Píticos, nome oriundo da serpente  
derrotada.

O jovem que, com mão, pés ou roda, vencesse lá, era honrado  
com um ramo de carvalho;

ainda não havia louro, e Febo ornava<sup>450</sup>

a fronte e a longa coma com qualquer folhagem. Dafne penéia  
foi primeiro amor de Febo, nascido não do azar, mas da ira de  
Cupido.

Délio, soberbo após ter vencido a serpente,

vira-o dobrar o arco com a corda tensa: 455

“Moço lascivo, por que portas armas fortes?”

– disse – “isto convém aos meus ombros, pois posso, certo,  
ferir feras, como um inimigo,

e com muitas flechadas matei Píton hórrida,

cujo ventre pestífero um monte ocupava. 460

Contenta-te em, com teu facho, excitar não sei

que amores, nem queiras tomar os meus louvores.” Diz o filho  
de Vênus: “O teu arco, Febo,

tudo atinge, e a ti eu; como os animais valem

menos que um deus, tua glória é menor que a minha”. 465

Disse e, fendendo o ar com as céleres asas, pousou na umbrosa  
fortaleza do Parnaso

e da aljava tirou dois dardos de diverso efeito; um afugenta, o outro atrai amor.

Este é dourado e brilha na ponta afiada; 470

aquele, obtuso, sob o cano contém chumbo. Com este alveja a ninfa penéia, com outro atravessa a medula e os ossos de Apolo.

Este ama súbito; do amante aquela foge,

se alegrando em caçar feras nas profundezas 475

das selvas; ela, êmula da casta Febe; uma fita envolvia os cabelos revoltos. Muitos a cortejavam; ela os repelia,

buscando os bosques ínvios, livre de marido,

indiferente a Himeneu, a Amor, e a núpcias. 480

Seu pai sempre dizia: “A mim debes, ó filha, genro; a mim debes netos, filha”, repetia.

Ela, odiando, qual crime, as tochas do esposo, inunda o belo rosto de casto rubor,

e prende os tenros braços ao colo do pai: 485

“Como Diana, pai caríssimo, permite-me fruir de virgindade perpétua”, pediu.

Ele, então, assentiu; mas o que queres ser à beleza repugna e teu corpo repele.

Febo ama e ao ver Dafne deseja unir-se 490

a ela; e o seu próprio oráculo o ilude.

Tal como a leve palha que arde sem a espiga,

ou a sebe queimada por tocha que acaso alguém aproximou ou  
lá deixou de dia,

assim se inflama o deus, assim em todo o peito 495

ardendo-se e nutrindo um estéril amor. Vendo os cabelos dela  
revoltos, nos ombros, diz: “que tal penteá-los?” Vê os olhos dela  
brilhantes como astros, e os lábios que ver

não é bastante; louva-lhe os dedos, as mãos, 500

os braços e antebraços nus pela metade; melhor julgando o que  
se oculta. Mais ligeira que a brisa, ela foge daquele que a  
chama:

“Ó filha de Peneu, pára, não sou hostil;

ninfa, pára. Assim, ovelha foge ao lobo, 505

corça ao leão, à águia trepidantes pombas, cada qual ao rival;  
por amor te persigo.

Ai de mim, se cáires e espinhos ferirem-te as pernas e eu te  
cause imerecidas dores.

Áspero é por onde vais; mais devagar 510

corre, não fujas, devagar eu mesmo irei.

Pergunte a quem te apraz; eu não habito em montes, não sou pastor, não sou um rude guardador

de rebanhos e reses. Não sabes de quem

foges, por isso, insana, foges. Sou senhor 515

de Delfos e de Claros, de Tenedo e Pátara.

Júpiter é meu pai; o futuro, o passado

e o presente desvelo. Ajusto o verso às cordas.

Certeira é minha flecha, mas uma mais certa

encheu meu peito ainda vago de feridas. 520

Medicina inventei, chamam-me salutar

em todo o orbe e tenho poder sobre as ervas. Ai de mim, o

amor não se cura com as ervas, e estas artes a todos úteis não me valem”.

Mais diria, se a filha de Peneu, fugindo, 525

não lhe cortasse a fala, em louca correria, assim mesmo

admirou-a; um vento contrário expunha-lhe a nudez, agitando-lhe as vestes, e a brisa para trás impele os seus cabelos;

mais bela é fugindo. Mas o jovem deus 530

renuncia à ternura e, tomado de amor, segue as pegadas dela, com passos ligeiros.

Qual galgo que uma lebre em campo aberto avista, com patas  
quer prendê-la e ela se safar;

ele, a ponto de alçá-la, espera tê-la em breve, 535

e com focinho alerta a fareja de perto;

ela temendo-se apresada, escapa aos dentes dele e àquela  
boca que se lhe escancara;

tal a esperança impele o deus, e o medo a virgem.

Mas o perseguidor, com as asas do Amor, 540

é mais esperto e não se cansa e acossa as costas da fugitiva e  
assopra-lhe o cabelo e a nuca.

Ela, esgotada pelo esforço, empalidece, com o labor da fuga e  
implora a Peneu:

“Se os rios tem poder divino, pai, socorre-me! 545

[Ó Terra, traga ou fere o que me traz feridas,] muda minha  
aparência, aprazível demais!”

Mal finda a prece, invade-lhe um torpor os membros, seus seios  
tenros são por fina casca envoltos,

dos cachos crescem folhas e ramos dos braços; 550

pés tão velozes fixam-se em lentas raízes, em seu rosto coberto,  
um brilho apenas resta.

Entanto, Febo segue amando; e pondo a destra no tronco, sente  
o peito tremer sob a casca

e, os ramos abraçando, qual membros, recobre-o 555

de beijos; mas o tronco se esquiva aos seus beijos. Diz-lhe o deus: “Já que não podes ser minha esposa, serás a minha árvore; sempre a terei

nos cabelos, na cítara e aljava, ó loureiro;

entre os chefes do Lácio ouvirás os alegres 560

cantos e as triunfais pompas no Capitólio. Serás fiel guardiã do palácio de Augusto, e às portas estarás protegendo o carvalho;

como jamais corto os meus cachos juvenis,

com perpétua folhagem, serás sempre honrada”. 565

Peã calou-se; e, inclinando a copa, feito fronte, o loureiro, com seus ramos, anuiu. Há na Hemônia um bosque de mata fechada, chamado Tempe, ali onde o Peneu, saído

do alto do Pindo, rola as espumantes águas, 570

e na sua pesada queda produz nuvens, finas neblinas respigando sobre a selva, e seu ruído atroa mais que tudo em volta.

Era ali a morada, o retiro sagrado

do grande rio, em cuja caverna de pedras 575

ditava leis às águas correntes e às ninfas. Primeiro aí rios locais se reuniram,

hesitando ao pai dar os parabéns ou pêsames,  
o Espérquio, rico em álamo, o inquieto Enipeu,  
o velho Erídano, o ligeiro Anfriso e o Eas, 580  
e logo os outros rios que vão para o mar, levados por correntes  
fartas de desvios. Só falta Ínaco, escondido em funda gruta,  
cujo choro seu curso aumenta, pois perdida  
tem a filha Io; não sabe se ela está viva 585  
ou junto aos Manes; vendo que ela não estava em parte  
alguma, ao peito vêm coisas piores.  
Vendo-a voltar do rio paterno, diz Júpiter  
a ela: “Ó virgem digna de Jove e que ao leito  
farias qualquer um feliz, chega-te à sombra 590  
deste profundo bosque (e lhe mostrou o bosque),  
enquanto faz calor e o sol atinge o zênite. Se temes entrar só no  
recanto das feras, segura irás ao fundo bosque com um deus,  
não qualquer deus, mas eu que o cetro celestial 595  
retenho em fortes mãos e lanço errantes raios. Não fujas.” Mas  
fugia e já os pastos de Lerna e os campos do Lirceu umbroso  
abandonava,  
quando o deus ocultou a terra em nuvem negra,  
interrompeu a fuga e arrebatou-lhe a honra. 600

Juno, porém, deitou o olhar no meio de Argos e estranha ver névoa veloz formando noite em dia claro e sente que ela não provém

nem dos rios, nem mesmo da terra molhada;

e olhou em volta de onde estava seu marido, 605

já que sabia de seus muitos adultérios.

E ao não vê-lo no céu, diz: “Ou eu me equivoco, ou eu sou ultrajada; e descendo do éter,

parou na terra e ordena dissipar a névoa.

Previendo a vinda dela, ele muda a filha 610

de Ínaco em uma vaca de pêlo brilhante. Ainda assim é bela; admite, a contra gosto, Satúrnica, e perguntou, fingindo não saber,

de quem é, de onde vem, de qual rebanho era.

Veio da terra, mente Júpiter, cortando 615

a conversa. Satúrnica a pede de presente. Que fazer? Entregar seu amor é cruel; não fazê-lo, suspeito. Obriga-o o pudor, e dissuade o amor. O pudor cede a amor;

mas se não desse a vaca de presente à esposa 620

e irmã, poria em dúvida ser mesmo vaca. Dada a rival, a deusa não abandonou logo todo o temor; receosa de enganos, confiou-a a Argos, filho de Arestor.

Argos tinha em redor da cabeça cem olhos: 625

os quais dormiam dois a dois em cada turno, os demais vigiavam, ficando de guarda.

Fosse qual fosse a posição, Io era vista; ainda que de costa, em Io os olhos tinha.

Deixa-a pastar de dia; e quando o sol se põe, 630

ele impõe uma corda ao infeliz pescoço. Ela alimenta-se de folhas e erva amarga, e, em vez de leite, ela se deita na terra, nem sempre à grama, e bebe nas poças de lama.

Súplice, ela não tinha como estender 635

os seus braços a Argos, mesmo se quisesse; e, tentando queixar-se, emitiu um mugido, e ficou aterrada ao som da própria boca.

Então, às margens, veio, onde antes brincava

sempre, às margens do Ínaco, e logo que viu 640

na água os novos chifres, fugiu assombrada. O próprio Ínaco e as Naidas desconhecem-na; mas ela segue o pai e também as irmãs,

e deixa-se tocar por aqueles que a admiram.

O velho Ínaco lhe oferta ervas frescas; 645

ela lambe as paternas mãos, beijando as palmas, e se, desfeito o choro, pudesse falar,

dizendo o nome e estado, pediria ajuda. Com a pata fez no pó  
letras, em vez de fala,

expondo o triste indício de um corpo mudado. 650

“Infeliz de mim!” Ínaco, seu pai, exclama e, abraçando a cerviz  
da nívea novilha, “Infeliz de mim!”, geme; “não és tu a filha  
procurada por toda a terra? E, não achada,

eras luto mais leve. Não respondes nada 655

a mim; somente arrancas suspiros do fundo peito e remuges às  
palavras e mais nada.

Mas eu, insciente, te arranjava o facho e o tálamo, pondo em ti  
a esperança de genro e de netos:

de um rebanho virão teu marido e teus filhos. 660

E não me é lícito por fim à dor morrendo; pois, sendo um deus,  
a porta da morte me está vedada e condenado estou a eterno  
luto.”

Assim carpia quando o estrelado Argos

arrebata-lhe a filha, levando-a a outra 665

pastagem. Ele mesmo sentou-se no cimo de um alto monte, de  
onde espia toda parte.

Não suportando mais os males da Forônide, o pai dos deuses  
chama o filho da brilhante

Plêiade e ordena que ele entregue à morte Argos. 670

Sem demora, põe asas nos pés e sonífera vara em potente mão  
e chapéu nos cabelos; logo então, da paterna casa desce o filho  
de Jove à terra. Aí retirou o chapéu

e as penas; só retendo para si a vara.675

Serve-se dela como um pastor, tange cabras campos afora,  
enquanto a flauta que fez toca. O novo canto apraz ao espião  
de Juno:

“Sejas quem for”, diz Argos, “podias sentar-te  
comigo nesta rocha; em nenhum lugar é 680

mais fértil erva ao gado, e ao pastor a sombra”. O filho de Atlas  
senta-se e falando muito deteve o dia que passava, canta à  
flauta,

tenta vencer os olhos vigilantes de Argos.

Mas ele luta por domar o amável sono, 685

e, mesmo sendo aceito o sono por uns olhos,

com outro tanto observa. E (sendo a flauta invento recente)  
indaga a causa de sua invenção.

Logo o deus diz: “Nos gélidos montes da Arcádia,

entre Hamadríades nonácrinas famosa 690

Náiade houve; as Ninfas chamavam-na Sírinx. Mais de uma vez  
fugiu de Sátiros e deuses, que a perseguiram em umbrosa selva  
ou campo fértil. Por gosto e virgindade dedicou-se,

à deusa ortígia; ela também poderia 695  
passar-se por Diana, cingida qual Latônia,  
se em chifre não lhe fosse o arco e em ouro o desta. Assim  
mesmo enganava. Ao voltar do Liceu, vendo- a Pã, com agudo  
pinho na cabeça,  
disse-lhe algo...” Restava contar como a ninfa 700  
desprezando-lhe os rogos, fugiu pelos campos, até chegar às  
águas calmas do arenoso  
Lado; ali, impedida de continuar,  
pediu às límpidas irmãs que a transformassem;  
e Pã, quando já crê ter Sírinx junto a si, 705  
teve-lhe, não o corpo, mas palustres cálamos; enquanto aí  
suspira, o vento no caniço  
fez um suave som símile a um lamento; o deus, tomado pela  
doce e nova arte,  
disse: “Estarei sempre em diálogo contigo!” 710  
e assim , com cera unindo os diferentes cálamos, deu a este  
instrumento o nome da donzela.  
Quando contava tais fatos, Cilênio viu fecharem-se, com sono,  
os cem olhos do cão.  
Logo detém a voz e confirma-lhe o sono, 715

tocando a vara mágica em seus olhos lânguidos. E, com a  
espada curva, corta-lhe a cabeça,  
na nuca, enquanto cochilava, arremessando-a contra abrupto  
rochedo e manchando-o de sangue.

Jazes, Argos; e a luz que havia nos cem olhos 720

se extinguiu e uma só noite se ocupa deles.

A Satúrnica os recolhe em penas de seu pássaro, enchendo de  
estreladas gemas sua cauda.

Em seguida, inflamou-se e, sem dar trégua à ira,

lançou horrenda Erinia ante o olhar e o espírito 725

da argólica rival, cravando no seu peito

fero agulhão que, em todo o orbe, aterra a prófuga. Eras, Nilo,  
o limite de um labor insano;

quando ela te alcançou, jogou-se de joelhos

em tuas margens e, virando o seu pescoço, 730

do jeito que podia, ergueu o rosto ao céu,

e, com gemido e lágrima e mugido lúgubre, parece a Jove orar  
pelo fim de seus males. Ele, tendo abraçado o pescoço da  
esposa,

pede que enfim acabe estas penas, e diz: 735

“Não temas; no futuro aquela a ti jamais causará dor;” e jura pelo estígio pântano. Como a deusa se acalma, aquela recobrou o aspecto anterior; do corpo somem pêlos

e chifres e se estreita a órbita dos olhos, 740

e da boca, retornam os ombros e as mãos, o casco cai dando lugar a cinco unhas; nada de vaca resta, a não ser a candura; contente com o uso dos dois pés, a ninfa

se ergue, hesita falar com medo de mugir 745

como rês, e re-ensaia as palavras perdidas. Agora é deusa celebrada entre os linígeros. Epafó, crê-se enfim, nasceu dela e do sêmen do grão Júpiter, tendo nas cidades templos

junto aos da mãe. Era da mesma idade e ânimo, 750

Fáeton, filho do Sol; um dia, presumindo-se,

por ter em Febo um pai, ser melhor que o Inácida, que não suporta e diz: “Demente, crês em tudo

de tua mãe, inflando-te com pai suposto.”

Fáeton corou e o pejo conteve-lhe a cólera, 755

e conta à mãe Climene os insultos de Epafó:

“Aumente a tua dor, mãe, saber que eu tão franco e feroz me calei; pejou-me não poder

refutar este opróbrio contra nós lançado.

Mas tu, se sou de fato de estirpe celeste, 760

prova-me o berço excelso e me assegura o céu.” Dito isso,  
abraçou o pescoço materno,

e, por sua cabeça e a de Mérope e as bodas das irmãs, pede  
que lhe mostre o pai real.

Climene, não se sabe se instada por Fáeton, 765

ou por causa do insulto, levantou ao céu os braços e mirando a  
luz do sol exclama:

“Por este ilustre disco de raios faiscantes, que nos ouve e vê,  
juro-te, filho, nasceste

deste sol que tu vês e que regula o orbe. 770

Se estou mentindo, que eu nunca mais o contemple e esta luz  
seja para os meus olhos a última.

Sem fadiga verás os penates paternos;

o lar onde o sol nasce é junto à nossa terra.

Se tens coragem, vá lá e pergunta ao próprio”. 775

Depois que sua mãe falou, regozijou-se Fáeton, já imaginando  
as regiões etéreas; cruza a sua Etiópia e a Índia sob sidérios  
fogos, e vai veloz até onde o pai nasce.

## LIVRO II

O palácio do sol, sobre altas colunas, em ouro e flamejante  
piropo esplendia, reluzente marfim recobria-lhe o teto  
e do bífere umbral saía luz argêntea.

A arte à matéria superava, pois Mulcíbero 5

aí, em torno à terra, cinzelou as águas,

o orbe terrestre e o céu que acima dele paira. O mar cerúleos  
deuses tem, canoro Trítón,

o mutável Proteu e Egéon que comprime

o enorme dorso da baleia com seus braços; 10

Dóris e filhas; parte parece nadar,

parte seca os cabelos verdes nos escolhos ou monta um peixe;  
face igual elas não têm;

também, como convém a irmãos, não são diversas.

A terra nutre homens, vilas, selva e feras, 15

rios e ninfas e outras deidades do campo.

Em cima, estão a imagem de um céu refulgente e seis  
constelações à destra, seis à esquerda.

Logo que o filho de Climene aí, subindo,

veio e adentrou a casa do suposto pai, 20

súbito, volta os passos ao rosto paterno, mas se detém; de perto, era-lhe insuportável aquela luz; coberto de vestes purpúreas, Febo reluz sentado em trono de esmeraldas.

À direita e à esquerda, em pé, Dia, Mês, Ano, 25

Séculos, Horas, em espaço igual distavam-se; estava a Primavera cingida de flores,

estava o Verão nu coroado de espigas, o Outono estava sujo de uvas pisadas,

e o glacial Inverno em desgrenhadas cãs. 30

Então, com olhos que vê tudo, o Sol, ao centro, viu o jovem com medo daquilo que via:

Por que vieste aqui e o que queres – pergunta – Fáeton, filho que pai negaria jamais?

Ele responde: “Ó luz comum ao mundo imenso, 35

se me deixares, pai Febo, usar teu nome, e Climene mentindo não oculte culpa,

dá-me um sinal de que descendo, pai, de ti, e, de meu coração, afasta esta dúvida!

Disse; e o pai se desfez dos raios cintilantes 40

em redor da cabeça, e ordenou-lhe acercar-se, e abraça-o: não mereces ser por mim negado, Climene revelou-te a origem certa”, diz; “para que não duvides, peça o que quiseres,

que te concederei; seja-me testemunha 45

o pântano, jamais visto, em que os deuses juram”. Tão logo  
acaba, Fáeton pede pra guiar,

por um dia, o paterno carro e alados potros.

O pai, arrependido, três ou quatro vezes

agita a face luminosa e exclama: “Louca, 50

tua fala tornou a minha. Se eu pudesse perjurar, só te negaria  
isto, filho!

Mas posso dissuadi-lo; há perigo em teu pleito.

Grande é o favor que pedes, Fáeton, muito acima

de tuas forças e de tua pouca idade. 55

Teu destino é mortal; mas o que pedes não.

Nem mesmo aos deuses é lícito isto

que, néscio, aspiras; cada qual melhor se julga, porém ninguém,  
exceto eu, pode manter-se

no carro ígneo. Nem do vasto Olimpo o chefe, 60

cuja destra terrível lança feros raios,

guiará este carro; e que temos mais que Júpiter?

No início, a estrada é íngreme e os cavalos rompem-na,

trôpegos, de manhã; no meio, ao céu alteia-se,

que eu mesmo, às vezes, ver dali o mar e a terra 65

temo, e o meu coração trepida de terror; no final, um declive exige freio firme;

mesmo Tétis, então, que me acolhe entre as ondas, sempre teme que eu vá cair em seu abismo.

Além de que, em vertigem contínua, o céu 70

altos astros arrasta em veloz rotação. Resisto a esse ímpeto que vence a todos e vou na contramão de tão rápida órbita. Que farás se eu te der o carro? Poderás

Opor-te à rotação de ágeis eixos polares? 75

Talvez supões que ali haja bosques e vilas de deuses, com altares ricos de oferendas; a estrada é feita de ciladas e de feras.

Inda que trilhes o caminho sem errares,

hás de enfrentar os chifres do Touro rival, 80

o arco hemônio e a boca do cruel Leão,

o Escorpião, que curva as tenazes terríveis

em longo abraço, e, em direção contrária, o Câncer. Tampouco poderás comandar os quadrúpedes,

que exalam pela boca e narinas o fogo, 85

que o peito tem; apenas me toleram, quando incendiados, a cerviz rejeita as rédeas.

Mas, para que não possa eu ser-te funesto, atenção, filho,  
enquanto podes, deixa disso.

De fato, para creres vindo de meu sangue, 90

pedes segura prova? Dou provas temendo, e o medo prova que  
sou teu pai. Vê o meu

rosto; quiçá possas com teus olhos sondar-me o peito, e ver de  
um pai os íntimos desvelos!

Enfim, em volta, vê o que o rico mundo tem, 95

e, dentre tantos bens do céu, do mar, da terra, exige algum.

Não sofrerás qualquer repulsa. Só te recuso isso: em verdade,  
uma pena,

não prêmio; pedes, Fáeton, pena e não presente.

Por que me estreitas, néscio, o peito em ternos braços? 100

Para que não duvides, (jurei pelo Estige),

dar o que desejares; mas sábios desejos”. Conselhos foram  
dados; mas o tal resiste e insiste em seu desejo ardente pelo  
carro.

O pai, tardando o mais que pôde, conduziu 105

o moço ao alto carro, oferta de Vulcano. De ouro era o timão, e  
o eixo, e a curvatura da grande roda; e a série de raios, de  
prata; no topo, ordenados com arte, topázios

e outras gemas a luz de Febo refletiam. 110

Enquanto o altivo Fáeton admirava a obra, eis que, do oriente iluminado, a vígil Aurora abre as portas purpúreas e os róseos átrios; dispersam-se as estrelas e com elas

vai Lúcifer, a última a deixar o céu. 115

Ao ver o tal astro atingir a terra e o mundo tingir-se de vermelho e o crescente sumir, o Titã manda as Horas jungirem os potros.

As deusas logo atendem e, expelindo fogo

e fartos de ambrosia, dos altos currais 120

os quadrúpedes trazem, com sonoros freios.

Então, o pai untou com um santo remédio a face filial, para que suportasse

o fogo abrasador, dispôs-lhe à frente raios,

e, pressagiando luto, suspirou, dizendo: 125

“Atenta, ao menos, aos conselhos de teu pai, poupa, filho, o açoite e pega firme as rédeas; por si mesmos galopam, labuta é contê-los.

Nem sigas reta que atravessa os cinco arcos;

uma rota descreve, oblíqua, larga curva; 130

restringindo-te às três zonas, evita o pólo austral, bem como a Ursa associada aos áquilos; esta é a estrada; aí verás rastros de rodas.

E a fim de o céu e a terra igual calor reterem,  
não desças muito nem o carro ao éter lances. 135

Se fores muito alto queimarás o céu,  
se baixo, a terra; irás seguro pelo meio. Não resvales à destra  
na Serpente torta,  
nem, à esquerda, o carro choques contra Altar,  
entre ambas, mantém-te; à Sorte fio o resto, 140  
que ela cuide de ti melhor do que tu mesmo.

Enquanto falo, a noite úmida findou-se no litoral Hespérico;  
tardar não podemos;

instam-nos; já refulge a Aurora e as trevas fogem.

Toma as rédeas na mão, ou, se o teu coração 145  
permite , usa os meus conselhos, não o carro, enquanto podes e  
em local seguro pisas

e ainda não no coche que insensato aspiras. Deixa-me dar à  
terra a luz que em paz verás”.

Salta Fáeton, em lesto carro, o corpo jovem, 150  
fica de pé, feliz de empunhar rédeas rápidas, agradece ao seu  
pai, que disso não se agrada. Logo então os alados cavalos do  
Sol,

Pírois, Eóo, Éton e Flégon, os ares

De ígneos relinchos enchem, rompendo as barreiras. 155

Logo que Tétis, que do neto o fado ignora, franqueou-lhes a  
imensidão do vasto céu, tomam rumo, e com patas agitadas no  
ar,

fendem nuvens que encontram, e impelidos pelas  
asas, Euros que vinham junto, ultrapassaram. 160

Mas o peso era leve, e não reconheceram

os cavalos do sol jugo falto de força;

qual curvas naus carentes de lastros vacilam e pelo mar são  
arrastadas à deriva,

tal o carro, vazio da carga normal, 165

saltita pelos ares, sacudido ao léu.

Quando a quadriga sentiu isso, precipita-se, sai da pista e não  
corre mais dentro da ordem.

Fáeton se assusta, e não sabe curvar as rédeas

no rumo certo, e nada valia sabê-lo. 170

E por primeiro as frias Ursas aqueceram-se

e tentaram um vão mergulho em mar proibido, No pólo glacial  
situada, a Serpente,

gorda de frio e sem perigo nenhum antes,

consumiu-se ao calor com ira inusual. 175

Dizem que tu também, Boieiro, perturbado, fugiste, embora lento e preso pelo carro.

Quando, de fato, olhou do éter para a terra ao fundo, o infeliz Fáeton empalideceu;

um súbito tremor sacudiu-lhe os joelhos 180

e em meio a tanta luz as trevas vêm-lhe aos olhos; deseja nunca os potros do pai ter tocado,

sabido sua origem e o pleito atendido; agora já prefere ser filho de Mérope,

enquanto é impelido por Bóreas qual barco, 185

cujo piloto o leme solta, entregue aos deuses. Que fazer? Muito céu já ficou para trás;

frente o olhar, muito mais; calculou cada trecho e ora vislumbra o ocaso, que o fado lhe veda,

bem como algumas vezes lobriga o nascente; 190

perplexo e sem ação, ele nem solta as rédeas nem as sustém, e ignora os nomes dos cavalos. Tremendo, vê também espalhados no céu prodígios e figuras de feras imensas.

Há o lugar onde enfeixa os braços em dois arcos 195

o Escorpião que com a cauda e as curvas pinças estende os seus membros no espaço de dois signos.

Quando o rapaz o viu, suando negro veneno e investindo os  
ferrões, gelado de terror,

perde a cabeça e deixa escapulir as rédeas. 200

Quando estas tombaram soltas na garupa, os cavalos desviam-  
se da rota, e rompem livres o ar de regiões desconhecidas,

e ao léu, contra as estrelas fixas, sob o céu,

se arrojam e no abismo arremetem o carro; 205

e ora vão às alturas, ora por declive e precipícios aproximam-se  
da terra;

Lua se espanta ao ver os cavalos do irmão, mais abaixo que os  
seus, evaporando as nuvens.

As terras altas são devoradas por chamas, 210

o solo seca e fende-se, falta de húmus;

as pastagens branqueiam, as árvores queimam-se e a messe  
seca ao fogo fornece matéria.

Mas isso é pouco; grandes vilas com muralhas

perecem e os incêndios convertem em cinzas 215

os moradores. Ardem montes e florestas; arde o Atos, o Tmolo,  
o Eta, o Tauro cílice, o Ida, agora seco, antes rico em fontes,

o Hélicon Virginal e o Hemo ainda não de Eagro.

Ardem num fogaréu imenso o Etna, o Érice, 220

o Parnaso, de dois cumes, o Otris, o Cinto,

- o Ródope enfim livre de neve, o Mimante,
- o Díndimo, o Micale e o sagrado Citéron.

Nem serve à Cítia o seu frio; ardem o Cáucaso,

- o Ossa, o Pindo, o maior do que ambos Olimpo, 225

os Alpes altos e o nubífero Apenino. Fáeton, então, contempla o universo inteiro

em chama e não resiste a tão forte calor; fervente, como se de um fundo forno, o ar

aspira e sente o próprio carro incendiar-se; 230

e nem já cinzas ou faíscas expelidas consegue suportar, envolto na fumaça, e aonde vai ou onde está, na escuridão, não sabe, e às cegas, levam-no alados cavalos.

Dizem que foi então que, sobrevindo o sangue 235

à pele, etíopes tomaram a cor negra; então a Líbia, tendo o calor absorvido a água, árida se fez, as Ninfas choram fontes e lagos, a Beócia busca a dírcea,

a aminone Argos, Éfira a pirene onda. 240

Nem mesmo os rios cujas margens são distantes estão a salvo; as águas do Tânais fumegam,

as do velho Peneu, do Caico de Teutrante, do Ísmeno rápido, do Erímanto de Fégia.

do Xanto que arderá mais, do fulvo Licorma, 245

do Meandro brincando em ondas sinuosas, do Melas da Migdônia e do Eurotas Tenário. Ardeu o Eufrates babilônio, ardeu o Oronte, veloz Termodo, o Ganges, o Fases e o Híster.

O Alfeu estua, ardem as margens do Espérquio; 250

o ouro que no Tejo flui se funde ao fogo e as aves fluviais que habitam as ribeiras

meônias, com seu canto, se abrasam no Caistro. O Nilo horrorizado foge ao extremo do orbe,

e ocultou a cabeça até hoje escondida; 255

sete bocas vazias, sete goelas secas.

Sorte igual coube aos rios trácios, Hebro e Estrímon, e assim como aos hespérios Reno, Pó e Ródano,

e àquele a quem se prometeu o mundo, o Tibre.

Todo o solo se fende e penetra no Tártaro 260

a luz que aterra o rei do inferno e sua esposa, o mar se encolhe e é campo de areia seca

o que antes oceano era; e os montes cobertos

por mar alto despontam e aumentam as Cíclades.

Os peixes buscam o profundo e sobre as águas 265

curvos golfinhos não atrevem mais pular; Focas, de barriga pra cima, bóiam mortas no mar. É fama que Nereu, Dóris e filhas, dentro de grutas de águas quentes se ocultaram.

Por três vezes tentou Netuno erguer os braços 270

e o rosto acima d'água e o fogo o repeliu.

Porém, Terra nutriz, banhada pelo mar e fontes ressecadas por todo lugar,

nas entranhas sombrias da mãe escondidas,

seca até o pescoço, ergueu a face oculta 275

pelas mãos e com grande tremor abalando

tudo, abaixou-se um pouco mais que de costume, e com a sua voz divina, assim clamou:

“Se eu mereço e te apraz, por que não lanças raios,

Sumo deus? Já que vou perecer pelo fogo, 280

que seja teu fogo o consolo de meu fim.

A duras penas sai-me do peito as palavras;” (o vapor a calou)

“eis meu cabelo em chama

e brasas sobre o meu rosto e também nos olhos!

Esta é o prêmio por minha fertilidade 285

e meu ofício de agüentar o arado adunco e o ancinho o ano inteiro de ferida e faina,

eu, que forneço aos animais muita folhagem, aos homens alimentos e a ti mesmo incenso?

Mas mesmo que eu mereça a ruína, o que o mar, 290  
teu irmão, fez por merecer? Por que decrescem e se afastam demais do céu as suas águas?

Se nem afeto a teu irmão e a mim dedicas,

cuida ao menos do teu céu; contemple os dois pólos,  
que fumegam; se o fogo se alastrar em ambos, 295

os teus átrios ruirão. Aí Atlas peleja

para sustentar o mundo incandescente aos ombros. Se o mar, a terra e o trono do céu perecerem, ao caos antigo tornaremos. Toma às chamas

o que sobreviveu, vela pelo universo”.300

Isso dissera a Terra; pois não suportou

por mais tempo o vapor, nem prosseguiu falando e escondeu a cabeça em gruta junto ao Manes.

O pai onipotente, invocando os celícolas

e o Sol, entende em tudo se abater o fado 305

cruel se não agir, e rugiu do alto trono,

de onde sempre lançou as nuvens sobre a terra, de onde sempre arrojou raio e troou trovão.

Mas não achou nenhuma nuvem disponível,  
nem chuva que pudesse ir do céu à terra. 310

Troveja, brande o raio na orelha direita,  
e lança-o contra o auriga, e tirando-lhe o carro e a vida,  
estanca o fogo com fogos cruéis.

A quadriga eriçada salta em rumo inverso  
e foge, liberando os pescoços das rédeas. 315

Ali jazem os freios e eixos sem timão, raios de rodas  
destroçadas acolá,  
mais ao longe os pedaços do carro espalhados. Mas Fáeton,  
cabeleira rutilante em chama,

gira no abismo e traça no ar um largo risco, 320  
qual aquele que, em céu sereno, faz a estrela quando não cai,  
mas dá a impressão de cair. Longe da pátria, em lado oposto  
do universo, o Erídano banhou-lhe a face fumegante.

As Naiádes da Hespéria, enterram-no abrasado 325  
por três línguas de fogo e inscrevem o epitáfio:

“Aqui jaz Fáeton, do paterno carro o auriga, ainda que  
incapaz, caiu em grande estilo”.

O infeliz pai, aflito e de luto, cobriu  
o rosto e, se aceitarmos o que diz a lenda, 330

houve um dia sem sol; o fogo iluminou o mundo e até que foi útil nesse desastre.

Mas Climene, após ter dito tudo que vem à mente na desgraça, lúgubre e demente,

rasgando as vestes, percorreu o mundo inteiro; 335

procurando primeiro o corpo inerte, os ossos logo encontrou, sepultos numa terra estranha;

ali prostrou-se e, lendo o nome sobre o mármore, com lágrimas o rega e, ao peito nu aquece-o.

Nem é menor a dor das Helíades, dando 340

à morte inúteis lágrimas; o peito esmurram

e chamam , noite e dia, Fáeton, que não ouve os míseros lamentos delas sobre o túmulo.

Quatro vezes a lua encheu-se unindo os chifres;

com o passar do tempo, elas se habituaram 345

a debater-se em pranto. Faetusa, a irmã mais velha, ao prosternar-se na terra, sentiu os pés enrijecidos; tentando alcançá-la, súbito uma raiz reteve a alva Lampécie;

a terceira, querendo arrancar os cabelos, 350

arranca folhas; esta sente as pernas feitas

um tenro tronco; aquela, os braços, longos ramos. A casca vem-lhes à virilha, enquanto espantam-se, e aos poucos ventre, peito, ombro e mãos envolve,

restando apenas bocas a chamar por mãe. 355

Que pode a mãe fazer, senão ir, impelida,  
de lá pra cá e, enquanto é possível, beijá-las? Isso não basta;  
quer tirar do tronco os corpos e com as mãos os tenros ramos  
rompe, e deles

gotas de sangue emanam, qual uma ferida. 360

“Pára, mãe, te suplico”, clamam todas elas; “pára! O nosso  
corpo se lasca nas árvores. E agora adeus” E a casca cortou-  
lhes a fala. Dos novos ramos fluem lágrimas, o âmbar,

que o sol solidifica e o rio acolhe límpido 365

dando às jovens latinas para se enfeitarem. Viu tal prodígio, o  
filho de Esteleno, Cisne, que, embora a ti ligado por materno  
sangue,

o é mais, Fáeton, no afeto. Abandonando o trono

(pois governara grandes povos da Ligúria), 370

ele enchia de pranto as margens verdejantes do Eridano e a  
floresta crescida de irmãs, quando sua voz viril fraqueja,  
brancas plumas ocultam-lhe os cabelos, o pescoço alonga-se  
do peito, uma membrana os dedos rubros liga, 375

asas cobrem-lhe o corpo e um bico a sua boca. Cisne se torna  
ave, e não fia em céu e em Júpiter, lembrando-se do fogo

injustamente alçado; busca os brejos e os amplos lagos, e por  
ódio

às chamas, preferiu morar em meio às águas. 380

Porém, o pai de Fáeton, esquálido e falto

de esplendor, como sói acontecer no eclipse, odeia a luz e  
mesmo a si, odeia o dia,

à dor se entrega, a ira às dores acrescenta,

e se nega a servir o mundo. Disse: “Desde os 385

primórdios, minha sina foi desassossego

e pesa-me essa faina sem fim e sem prêmio. Que outro dirija o  
carro portador da luz!

Se ninguém ousa e até mesmo os deuses se abstêm,

faça-o Júpiter, pois, enquanto tem as rédeas, 390

não lançará raios que privam pais de filhos. Então verá,  
provando o fogo dos cavalos,

que não merece a morte o incapaz de guiá-los”. Ouvindo isto,  
os deuses todos, com voz súplice,

rodeando o sol, rogam-no que não mergulhe 395

o mundo em trevas; Júpiter também se escusa pelo fogo, mas,  
como um rei, faz ameaças.

Febo ajunta os cavalos, loucos de pavor,

e em meio à dor, fustiga-os com vara e chicote;  
com raiva, imputa-lhes a morte de seu filho. 400

O pai onipotente ronda os vastos muros do céu, e cuida que  
não caiam abalados pela força do fogo. Quando vê que estão  
firmes e sólidos, perscruta a terra e a faina

dos homens. A Arcádia inspira-lhe maior 405

cuidado; restitui-lhe as fontes e os rios indecisos, repõe de  
grama a terra, as árvores de folha e ordena as selvas secas  
reverdeçam.

Indo e vindo, apaixona-se por uma virgem

de Nonacris, e um fogo bom ardeu-lhe os ossos.410

Ela jamais se dedicou a cardar lã

ou a se pentear; desde que uma fivela

prende-lhe a veste e fita branca incultos cachos, e com a mão  
brandia o leve dardo ou o arco,

é soldado de Febe; e nenhuma no Mênalo 415

apraz mais Trívia; mas nenhum favor é eterno. O sol seguia alto,  
muito além do meio,

quando ela entrou num bosque até então intonso.

Tirou do ombro a aljava e afrouxou os flexíveis

arcos e aqui no chão coberto de ervas deita-se 420

com a nuca premindo a colorida aljava. Júpiter, quando a viu cansada e sem defesa, disse: “Que minha esposa ignore esta aventura; se acaso ela souber, bem que vale uma briga.

Súbito assume o aspecto e o traje de Diana 425

e diz: ó virgem, minha cara companheira, em que cimo caçavas? Do relvado, a virgem

se ergue e diz: “Salve, nume! Ainda que ele escute, eu te julgo maior que Júpiter.” Diverte-se

o deus ouvindo-se a si mesmo preferido, 430

e dá-lhe beijos bem impróprios a uma virgem. Ao dispor-se a narrar em que mata caçara,

ele a abraça, e se revela em sua farsa. Ela resiste o quanto pode uma mulher,

(Se me visses, Satúrnica, tu me entenderias!) 435

ela resiste, mas a quem uma donzela venceria, que deus a Jove? Triunfante,

ele torna ao céu , e ela odeia o bosque cúmplice;

Ao partir dali, quase se esqueceu da aljava

com as flechas e do arco que jaziam perto. 440

Eis que Dictyna, com seu coro, das alturas do Ménalo chegando, orgulhosa da caça, vendo-a, a chama; ela foge, receando ainda Jove sob a aparência da deusa.

Mas depois que ela viu também as outras ninfas, 445

sente que não havia dolo e se une a elas. Ai! quão difícil  
esconder na face a culpa!

Mal eleva o olhar do chão, nem, como antes, se emparelha com  
a deusa ou lidera o cortejo;

mas se cala e o rubor delata o seu pudor; 450

e, se não fosse virgem, Diana veria,

por mil sinais, a culpa; as ninfas viram, dizem. Nove vezes os  
chifres da lua cresceram, quando a deusa, caçando, cansada  
de sol,

topou com um bosque frio e um múrmure rio 455

que deslizava sobre as areias polidas.

O lugar lhe agradou; tocou com o pé a água

e, aprovou-a, dizendo: “aqui é longe de olhares;

banhemos nossos corpos nus, em água rasa”.

A Parrácide enrubesce, todas tiram os véus; 460

só ela hesita; mas arrancam-lhe o vestido, e então seu corpo nu  
revela a sua mácula.

Aflita, tenta o ventre esconder com as mãos:

“Afasta-te daqui, não poluas as sacras fontes”,

disse Cíntia e ordena-lhe que deixe o séquito. 465

Disso a esposa do Grão-Tonante já sabia e esperava ocasião para grave castigo.

Nada obsta agora, pois (para a ira de Juno), nasceu Arcas, o filho de sua rival.

Logo que pôs o olhar e a mente seiva nele, 470

disse: “Pois bem, faltava ainda isto, adúltera, que tu fosses fecunda e com o parto ficassem notórias a ofensa e a infâmia de meu Júpiter. Não ficarás impune; esfarei a figura, com que físgaste, impertinente, o meu marido”. 475

Disse e, arrostando-a, arrasta-a pelos cabelos, rosto ao chão. Tende a ninfa os braços, suplicando; os braços começam a eriçar uns negros pelos;

as mãos se curvam e se alongam curvas unhas

como garras em pata, e a boca, cara a Júpiter 480

outrora, vai se deformando em goela enorme. Para que os corações não dobre com suas preces, tira-lhe a fala; voz iracunda e minaz

e plena de terror sai-lhe da rouca fauce.

A mente antiga permanece nela, urso, 485

e contínuos gemidos atestam-lhe as dores.

Ela levanta ao céu e aos astros mãos disformes e sente, sem poder falar, ingrato Júpiter.

Ah! Quanto não ousou descansar só na selva

e errou diante de seu lar e de seus campos! 490

Ah! Quanto em rochas foi seguida pelos cães,

e a caçadora aflita foge ao caçador! Esconde-se, esquecida de si, de outras feras,

e teme os ursos que a vêm, ursa, pelos montes,

e teme os lobos, mesmo seu pai sendo um deles. 495

Eis que aparece Arcas, neto de Licáon, nada sabe da mãe, com quase quinze anos; enquanto caça fera, escolhe bosques bons

e cerca com armadilha as selvas do Erimanto,

encontra a mãe, que se deteve a olhar Arcas 500

e pareceu reconhecê-lo; este recua,

e, sem saber porque ela olha fixamente, tentando aproximar-se, ele, aterrorizado,

dispõe-se a trespassar-lhe o peito com um dardo.

Impede o Onipotente o crime, arrebatando-os, 505

através do vazio e do vento, a um só tempo, e os colocou no céu, como astros vizinhos.

Juno indignou-se, ao ver que entre astros a rival brilha, e desceu aos mares junto à branca Tétis

e o velho Oceano, sempre reverenciados 510

pelos deuses, dizendo a causa da viagem:

“Sabeis por que a rainha dos deuses celestes aqui veio? Outra ocupa o meu lugar no céu. Desmenti-me, se, quando a noite turva o orbe,

não virdes no alto céu estrelas, minhas chagas, 515

recém-honradas lá, onde o último círculo, brevíssimo, rodeia o extremo do eixo.

Há razão para alguém temer ofender Juno, se sou a única que ajudo ao castigar?

Oh! Quanto eu fiz! Quão grande é o meu poder! 520

Vetei ser ela humana, fez-se deusa. Assim castigo os réus, assim é minha potestade! Que a ela torne a antiga face e o fero traço se apague, como fez à foronide argólica!

E por que, repelindo Juno, não levá-la 525

a meu leito, fazendo Licáon de sogro?

Mas vós, se vos atinge a ofensa à vossa aluna, vedai o mar cerúleo ao Setentrião,

astros, no céu postos, ao preço de um estupro;

que uma perda não polua as águas puras!” 530

Anuíram os deuses do mar; a Satúrnica sobe ao límpido céu no ágil carro içado

pelos pavões recém-tintos, ao morrer Argos,

qual, há bem pouco, ó corvo loquaz, antes branco,  
de repente mudaste em ave de asas negras. 535

Outrora, ela era argêntea e de alvas penas  
nas asas, igualando-se a pombas sem mácula, aos gansos, cuja  
vígil voz o Capitólio salvaria, e ao cisne amante dos riachos.

A língua foi sua perdição; língua loquaz 540

causou-lhe a troca da cor branca na contrária. Em toda  
Hemônia não havia outra mais bela do que Corone de Larissa;  
ela, a ti, Délfico,

aprouve, ao menos quando casta ou não flagrada;

porém a ave de Febo flagrou o adultério 545

e, inexorável delatora, foi contar

a oculta culpa ao dono; movendo as penas para tudo saber, diz,  
a gárrula gralha, enquanto o segue: “não palmilhas boa trilha,  
considera o que minha língua pressagia. 550

Vê o que fui e o que sou, qual prêmio, e verás que a boa-fé me  
foi nefasta. Certa vez,

Palas fechara Erictônio, ente sem mãe, numa cesta tecida com  
vime da Ática,

e o confiou às três filhas do biforme Cécrope 555

com a proibição de espiarem o segredo. Oculta em leves folhas,  
eu via de um olmo

o que faziam; duas vigiam sem fraude;

Pândroso e Herse; só Aglauro as irmãs chama

de medrosas, desfaz os nós à mão e dentro 560

vêm o infante e um dragão ao lado dele. contei o fato à  
deusa; e obtive como prêmio Minerva retirar-me a proteção e à  
ave noturna rebaixar-me. A minha pena as aves

advirta do perigo a granjear com a voz. 565

Sem que eu pedisse nada parecido, penso, ela me procurou!

Pergunta isto a Palas; embora esteja irada, não o negará.

Pois, me gerou o ilustre Coroneu da Fócida,

como se sabe; eu era filha de rei, 570

(não me desdenhes), moços ricos cortejavam-me.

Meu mal foi a beleza; pois, um dia, andando a passos lentos na  
praia, como costumava,

o deus do mar me viu e se inflamou. Depois

de implorar com brandura em vão, resolve usar 575

a força e perseguir-me; fujo e deixo a terra firme e me esfalfo  
em vão sobre a areia fofa. Então, invoco deuses e homens, mas  
mortal algum me ouve. Uma virgem de uma virgem

se comove e me ajuda. Ao céu estendo os braços, 580

que a enegrecer começam com leve penugem. Eu tento retirar do ombro a veste; mas ela vira plumas com fundas raízes na pele.

Tento bater no meu peito nu com as mãos;

mas nem as mãos, nem peito nu havia mais. 585

Não corro, nem a areia me retém os pés, Mas sobre o solo elevo-me. Aos ares levada, fui dada como serva inculpe de Minerva.

Mas de que vale a honra, se, mudada em ave

por cruel crime, Nictimene sucedeu-me? 590

Por acaso, de um caso bem famoso em Lesbo, não soubeste?, de haver manchado o leito pátrio Nictimene? De fato, ela é ave, mas cônica

da culpa, evita a luz e no breu o pudor

oculta e é repelida em todo céu por todas”. 595

Dito isso, o corvo exprobra: “que tuas palavras

te desgraçam; desdenho dos teus vãos presságios”. E

prossequindo em seu caminho, conta ao amo que viu Corone se deitar com jovem Hemônio.

Ao saber desse ultraje, ao deus amante escapam 600

a coroa de louro, o plectro e a cor do rosto, e, com o coração referendo de cólera,

pega as armas de sempre, estende o curvo arco ao extremo e  
aquele peito tantos vezes

unido ao seu trespassa com seta certa. 605

Ferida, ela deu um gemido, e arrancando o ferro

ao corpo, tingiu de sangue rubro os membros cândidos e disse:

“Eu podia sofrer teu castigo,

Febo, mas antes ser mãe; hoje dois morremos”.

Calou-se e sua vida escorreu com o sangue; 610

tomou-lhe o corpo sem alma, um frio letal. Tarde, ai! o amante

se arrepende da cruel pena, e, de ter-se abrasado com o

ouvido, odeia-se; odeia a ave que o obrigou saber doído

engano, odeia ainda o arco e a mão e, mais, 615

as flechas imprudentes pela mão lançadas; abraça a

moribunda e com tardo socorro

e artes médicas tenta em vão vencer o fado. Quando viu que

eram vãs as suas tentativas,

e o corpo quase a arder na pira suprema, 620

então, lança do fundo do seu coração gemidos (pois, não é

lícito que de lágrimas se banhe um rosto divo), qual vaca que vê

malho vibrar um golpe na orelha direita

e a cava testa abrir do vitelo lactente. 625

Mas, após espargir perfume inútil nela,  
e abraçá-la, prestando-lhe devidas honras, Febo, não  
suportando o fruto virar cinza, arrebatou do ventre em chamas  
o seu filho

e o levou à caverna do biforme Quíron; 630

e ao corvo, que esperava prêmio à veraz língua, vetou de viver  
entre as aves de alva cor.

Ora, o centauro estava alegre com o ônus e a honra de educar  
um pupilo divino.

Eis que chega, com rútilo cabelo aos ombros, 635

a sua filha, a quem outrora a ninfa Cáriclo, parindo-a à beira de  
impetuoso rio, chama

de Ocírroe. Não se contentando com paternas artes; esta  
cantava os arcanos dos fados.

Por isso, ao conceber na mente ardor profético, 640

obra do deus que tinha guardado no peito, olhou o infante e  
disse: “Curador do mundo, cresce, ó menino; a ti os mortais  
deverão sempre a saúde, até as almas ousarás

devolver uma vez, com protesto dos deuses; 645

repetir isso, o raio do avô te impedirá;

e, de deus que és, hás de tornar exangue corpo e outra vez  
deus; mudando o fado duas vezes.

Tu, também, caro pai, hoje imortal, por lei

de origem, destinado a viver para sempre, 650

quererás morrer, quando o sangue da serpente cruel, em teus membros, te atordoares;

e, sendo eterno, os deuses te farão morrer, e as três deusas os teus fios hão de cortar”.

Restava ainda algo; e do fundo do peito 655

Suspira e brotam lágrimas em sua face;

e diz: “os fados não me deixam continuar falando e me interditam o uso da voz.

Não valem tanto as artes, que a ira divina

me atraem; preferia ignorar o futuro. 660

Já me parece estar perdendo a humana face, já me agrada comer erva e correr os campos; em égua, corpo familiar, me converti.

Mas toda por quê? Tenho, sim, pai biforme”.

Assim falou, mas só seu lamento final 665

se entendeu, pois eram confusas as palavras; logo, palavra alguma ou som de égua fazia, mas mera imitação; em pouco tempo emite relinchos certos e na grama abaixa os braços.

Os dedos se unem e um fino casco envolve 670

as cinco unhas, a cabeça e o colo alongam-se; boa parte do longo manto fez-se cauda,

e o cabelo revolto à nuca em crina torna-se

à destra; ao mesmo tempo, voz e rosto mudam-se;

tais prodígios lhe deram mesmo um novo nome. 675

Chorando, o herói filírio, implorava em vão, Déléfico, teu socorro; pois não podias do grão Júpiter

revogar ordens; nem, se pudesses, estavas lá; cultivavas campos messênios na Élida.

Era o tempo em que pele de pastor vestias, 680

e trazias na mão esquerda um rude báculo e, na outra, a flauta em sete canas desiguais.

Enquanto o amor e a flauta eram os teus cuidados, contam que as vacas, descuidadas, adentraram

campos de Pilos; viu-as o filho da Atlântide 685

Maia e, com manha furta e oculta-as, na mata. Ninguém viu este furto, exceto um ancião,

de nome Bato, conhecido em todo o campo. Ele guardava o bosque, as pastagens herbosas,

e os cavalos de raça do rico Neleu. 690

Temendo-o, o deus, com afagos, o chama à parte, e diz: “

Estranho, se acaso, alguém perguntar

por este gado, nega que o viste; e te dou, em recompensa ao favor, esta vaca branca”.

E deu-a. Aceitando, aquele garantiu: 695

“Confia! Antes esta pedra conte o furto”;

E mostra a pedra. Finge ir-se o filho de Júpiter; logo voltou com a figura e a voz mudada

e diz: “Se viste umas vacas passar, rústico,

por esta banda, ajuda-me, e revela o furto, 700

e um touro e sua fêmea em paga teus serão”. O ancião, tentado pelo duplo prêmio,

“Ao pé daquele monte” aponta e lá estavam. Riu o Atlântíade e falou: “é a mim, pérfido,

que denuncias a mim mesmo? E em dura pedra 705

muda o peito perjuro e, de delator, chamam-na; desde então, sofre esta pedra injusta infâmia.

Batendo asas, dali voara o Caducífero, contempla os campos de Múiquia, terra grata

a Minerva, e os arbustos do culto Liceu. 710

Por acaso, naquele dia, jovens castas levavam à cabeça floridas canastras

de oferendas ao templo de Palas em festa.

Ao voltarem de lá, o deus alado as viu

e não seguiu direto, mas voou em círculo. 715

Como o milhafre, ave veloz, vendo as vísceras, os sacerdotes  
teme em torno ao sacrifício,

em giro sobrevoa e não ousa afastar-se, e ávido bate asas em  
volta da presa;

assim o ágil Cilênio sobre o templo Ático 720

inclina o curso, circulando os mesmo ares. Quanto Lúcifer brilha  
mais que outras estrelas,

e quanto mais que a Lúcifer a áurea Febe, tanto mais esplendia  
Herse entre outras virgens

e era o ornato e a honra daquele cortejo. 725

Com tal beleza, pasma-se o filho de Júpiter

e no ar se inflama, como o chumbo que uma funda balear iça e  
incandesce nas alturas

e encontra sob as nuvens fogos que não tinha.

O deus muda o rumo, o céu deixa e vem à terra 730

sem disfarçar; tanta é a fé em sua figura. Mesmo seguro, cuida  
em retocar o aspecto, ajeita a coma e clâmide, para que caia

com graça e mostre todo ouro das sandálias;

põe na destra a polida vara, que dá e tira 735

o sono, e em puros pés asas talaes brilham. A parte interna do palácio tem três quartos

Ornados de marfim e concha; à destra, Pândroso, tu habitas, à esquerda Aglauro, e Herse ao meio.

Foi Aglauro a primeira que notou a vinda 740

de Mercúrio e o nome do deus e o motivo da vinda quis saber.

Assim lhe respondeu:

“sou neto de Atlas e Pleione, no ar carrego

as palavras do meu pai; que é o próprio Júpiter.

Não invento pretextos; basta que tu sejas 745

fiel à tua irmã e tia de meus filhos.

Por Herse venho; favoreça o nosso amor”. Aglauro o mira com o mesmo olhar que vira há bem pouco o segredo da loura

Minerva

e pela ajuda exige boa cota de ouro; 750

enquanto isso, o obriga a deixar o palácio. A esta torvo olhar lançou a deusa bélica, e do imo exalou suspiros tão violentos,

que, a um só tempo, sacudiu o peito e a égide

sobre o seu forte peito. Ocorreu-lhe que esta, 755

com perjúrio e profana mão os seus arcanos desvelou, vendo o  
filho sem mãe do Lenícola, e logo será grata a um deus e à irmã  
e rica ao ter o ouro que ávida exigira.

Súbito ela dirige-se à casa da Inveja, 760

suja de negro sangue; escondida no fundo de um vale,  
inacessível ao sol e aos ventos,

triste e de um frio que entorpece e, sempre falta de fogo, está  
sempre coberta de caligem.

Chegando lá, temível guerreira, a virago 765

parou na porta, pois entrar não era lícito, e com a ponta da  
lança o batente golpeia.

Ao golpe a porta se abre e ela vê lá dentro, Inveja devorando as  
carnes de uma víbora,

de vício, e os seus olhos vira. Mas aquela 770

se alça da terra, deixa semi-devorados

os corpos de serpente e em passo lento avança; e quando viu a  
deusa bela e ornada de armas, gemeu e contraiu o rosto em  
fundos suspiros.

A palidez lhe toma a face e o corpo inteiro, 775

o olhar nunca é direto, os dentes cobre o tártaro, do peito verde  
flui fel, da língua veneno;

riso não tem; só quando vê a dor de alguém; vencida por  
cuidados mil, não frui do sono,

mas vê com desagrado, e se consome ao ver, 780

o sucesso dos homens e esse consumir-se é seu suplício.

Embora também a odeie, dirige-lhe a Tritônia tais breves  
palavras:

“Com tua baba infecta uma filha de Cécrope,

Aglauro; é preciso! Sem dizer mais nada, 785

repele a terra com a lança e vai embora. Aquela, com olhar  
oblíquo, segue a deusa, murmura, lamentando de Minerva o  
êxito

futuro e pega o báculo, cheio de espinhos

inteiramente e, em nuvens negras envolvida, 790

por onde passa, arrasa os campinas floridas, exaure as erva, o  
alto da papoula esfolha

e, com seu hálito, cidades, povo e casas polui; e enfim, divisa o  
templo da Tritônia,

onde impera a riqueza, a arte e a paz festiva, 795

e, sem razão para chorar, retém as lágrimas.

Mas, quando entrou no quarto da filha de Cécrope, cumpre a  
ordem: com mão enferrujada, toca-lhe

o peito e o coração enche de agudas farpas,

insufla-lhe nocivo vírus, pez em ossos 800

espalha e nos pulmões derrama-lhe veneno. Para que as causas deste mal não fiquem vagas, põe ante os olhos dela a sua irmã feliz,

e seu conúbio com um deus de bela estampa,

amplificando a cena. Irritada, a Cecrópida<sup>805</sup>

se remorde em ciúmes, geme dia e noite angustiada e devagar vai consumindo-se, como gelo ferido por um sol incerto;

pouco a pouco, se abrasa com a sorte de Herse,

como quando se queimam espinhosas ervas, 810

que, não fazendo chama, em fogo brando ardem. Quis até morrer para não ver tal união,

e ao pai severo revelá-la como crime; enfim, sentou-se ao limiar, fitando o deus

que lhe barrava a entrada. Às blandícias e súplicas 815

que lhe dirige, ela respondeu: “Desiste, daqui eu não me movo antes que te expulse.” “Este pacto me apraz”, disse o veloz Cilênio; e com a vara celeste abre as portas; mas ela,

tentando erguer as partes que ao sentar se encurvam, 820

ficou paralisada por um peso inerte.

Ela então luta por manter o tronco ereto, mas o joelho se enrijece e um frio entra-lhe

nas unhas e sem sangue as veias ficam pálidas;

tal como o câncer mal incurável se propaga 825

lento e partes enfermas acrescenta às sãs, assim letal inverno  
aos poucos vem ao peito e a respiração obsta, e as vias vitais;

falar ela não tenta, e, se tentasse, a via

da voz já não havia; a pedra ocupa o colo, 830

o rosto se endurece e estátua exangue senta-se; nem era alva a  
pedra; a alma escureceu-a.

Após punir aquela de alma e de palavras profanas, o Atlandíade  
as terras de Palas

deixa, e, agitando as asas, penetra no céu.835

Seu pai o chama e sem falar do amor que o move: “Filho, fiel  
ministro” diz “de minhas ordens, apressa-te e veloz, desce em  
rota usual

e à terra que contempla a tua mãe, à esquerda,

(os nativos a chamam de Sidônia), vai, 840

e o rebanho real que vês pascer ao longe

as ervas da montanha, leva-os rumo à praia”. Disse e, sem  
mais, os touros, expulsos do monte, chegam à praia, onde a  
filha de um grão rei

costumava brincar junto às virgens de Tiro. 845

Não casam bem, nem moram no mesmo lugar, o amor e a  
majestade; abandonando o cetro,  
o pai senhor dos deuses, cuja destra tríplice raio porta e a um  
nuto faz tremer o orbe,  
toma o aspecto de um touro, em meio ao rebanho 850  
muge e formoso deambula em relva tenra. Com efeito, tem cor  
de neve sem vestígio algum de um duro pé ou do Austro  
chuvoso.

Do ombro pende a papada e do pescoço músculos;

os chifres são curtos, mas pode-se dizer 855

feitos à mão e brilham mais que a pura gema. Nada há de  
ameaça no olhar ou na frente;

A aparência é de paz. A filha de Agenor se admira dele ser tão  
formoso e pacífico;

embora brando, antes receou tocá-lo. 860

Logo se achega e põe-lhe flores na alva testa. Goza o amante e,  
enquanto anseia por volúpias, beija-lhe as mãos; com muito  
esforço adia o resto. E ora brinca e se exulta sobre a relva  
verde;

ora na areia fulva o níveo flanco deita; 865

e pouco a pouco o medo acaba, e oferta o peito às carícias da  
virgem, ou os chifres às flores recém-colhidas. Ousou mesmo a  
régia virgem, sem suspeitar de nada, enfim, montar o touro;  
aos poucos vai o deus deixando a terra e a praia, 870  
imprime falsas marcas de pés sobre a água depois avança  
mais e leva a sua presa  
para o meio do mar. Esta se assusta ao ver  
a praia longe e, com a destra agarra o chifre,  
com outra o dorso; ondula ao vento a veste trêmula. 875

### LIVRO III

Já o deus, depondo a falsa aparência de touro, se deu a  
conhecer nas planícies de Dicta,  
quando o pai, sem saber da filha, ordena a Cadmo buscá-la, e,  
caso não consiga, impõe-lhe a pena  
de exílio, assim mostrando-se perverso e pio. 5

Tendo errado o orbe inteiro (acaso alguém do furto de Jove  
saberia?), o prófugo Agenóríde  
evita a pátria e a ira do pai e ao oráculo de Febo inquire qual  
terra deve habitar.

Febo responde: “Em campo deserto acharás 10  
vaca jamais jungida e imune ao curvo arado. Segue-lhe os  
passos e, em que relva descansar, funda aí muralha e dá-lhe o  
nome de Beócia”. Logo que Cadmo sai da gruta de Castália,  
vê passar devagar uma vaca sem guarda, 15  
cuja cerviz não tem sinal de servidão. Segue-a e calca-lhe as  
pisadas com cautela, e mudo adora a Febo, abridor de  
caminho.

Já vadeara o Cefiso e as campinas de Pánope;  
a vaca para; ao céu erguendo a fronte ornada 20  
de altos chifres, enche os ares de mugidos, e assim, olhou atrás  
o grupo que a seguia, e deitou e rolou sobre a relva macia.

Cadmo agradece e a terra peregrina beija

e os montes e planícies ignotas saúda.      25

A Jove quer sacrificar. Ordena os servos busquem água de  
libação em fontes vivas. Velha selva crescia intonsa por  
machado,

e ao centro, densa em vime e vergas, uma gruta,

cujas pedras formavam uma arcada baixa,      30

vertia água; ali, naquele antro, escondia-se

a serpente de Marte, com sua crista de ouro, olhos de fogo e o  
corpo inchado de veneno com três línguas vibrando e três filas  
de dentes.

Logo que aqueles vindos de Tiro pisaram      35

infausto bosque e enfiam dentro d'água urnas ressoando, a  
cabeça enorme pôs pra fora,

a serpente cerúlea e emite horrendos silvos.

Das mãos se vão as urnas, e o sangue se esvai

do corpo, e súbito tremor lhes tolhe os membros.      40

O monstro se enrodilha em anéis escamosos aos saltos, em  
arcos imensos, avança

e, erguendo-se no ar mais da metade, vê

o bosque todo e o corpo é tão grande quanto,

se visto inteiro, aquele entre as duas Ursas. 45

Logo, contra os fenícios que preparam dardos ou a fuga, ou que o medo proíbe os dois atos,

avança. A dente a uns mata, a outros com abraços longos ou lhes soprando venenos mortais.

O sol alto fazia já sombras exíguas; 50

o filho de Agenor se inquieta com a demora

e sai em busca dos homens. Portava uma pele de leão, lança de esplendente ponta férrea, um dardo e a coragem, sua maior arma.

Quando entrou no bosque e viu os corpos mortos, 55

e em cima o corpanzil do vencedor hostil, lambendo o sangue das feridas lamentáveis, disse: serei o vosso vingador ou vosso sócio na morte, ó fidelíssimos corpos”. E grande

pedra susteve à destra e atirou-a com força. 60

Com tal pedrada, uma muralha de altas torres tremeria; a serpente não ficou ferida,

tendo como couraça escumas e a dureza da pele negra, repeliu os golpes fortes.

Mas tal dureza já não pôde com o dardo, 65

fixo na curvatura da espinha dorsal,

o ferro penetrando inteiro nas entranhas. Feroz com a dor, às  
costas retorce a cabeça e vê a ferida e a haste fixada remorde,  
e movendo-a com força para todo lado, 70

do dorso a tira, mas lesou o ferro os ossos. Vindo, então, nova  
causa aumentar-lhe o furor habitual, a goela se entope de  
sangue,

e branca espuma escorre da boca pestífera,

a rasa terra ecoa escama e negro hálito 75

da estígia boca infecta os ares viciados. Às vezes, em anéis de  
imensas espirais,

se enrosca ou se ergue mais tesa que um largo tronco; ora  
investe violenta como uma torrente

e derruba com o peito o mato que atrapalha. 80

O agenóride recua, e apara o golpe

com a pele do leão, opondo à boca hiante

a lança em riste. A fera em fúria morde em vão o duro ferro e  
crava os seus dentes na ponta,

e começa a manar sangue do venenífero 85

palato, que, aspergido, tinge a verde relva. Mas leve era a  
ferida; pois, lesado, o colo retraía, evitando o golpe e impedindo

a lança de atingir-lhe e de mais fundo entrar;

o agenóride então, fincou-lhe o ferro à goela, 90

e sem cessar acoisa-a, até que um carvalho obstou a fuga, e ele fixa o monstro ao tronco. Este curvou-se ao peso da serpente e do imo, pela cauda atingida, a árvore gemeu.

Enquanto o vencedor vê o corpo do vencido, 95

uma voz foi ouvida; não se sabe de onde, mas foi ouvida: “Por que, filho de Agenor,

admiras a serpente? Serpente serás”.

Longo tempo aterrado, ele a cor e a coragem

perde e um gélido horror lhe arrepiou os cabelos. 100

Eis que a patrona do herói, Palas, descendo do céu, ordena-lhe que ponha sob a terra

os dentes vipéris, matriz de homens futuros. Ele obedece e, abrindo sulcos com o arado,

lança os dentes, sementes de mortais, ao solo. 105

Logo, incrível prodígio, o chão põe-se a mover, e, então, dos sulcos surge a ponta de uma lança, logo, elmos com penachos multicores trêmulos emergem, e ombros, peitos e braços armados,

e uma seara de homens com escudo cresce. 110

Assim, quando em teatro em festa o pano desce, surgem figuras que primeiro a cara mostram,

e após o resto; até que se tornam visíveis por completo e se põem de pés no proscênio.

Aterrado com a nova hoste, Cadmo se arma. 115

“Abstenha-te,” um do povo que a terra criara exclama, “Nem te metas nas guerras civis.”

E assim, com rija espada fere irmão terrígeno e também ele cai ferido pela lança.

Tampouco o que havia o matado vive, 120

e exala o ar vital há pouco recebido.

Assim, a turba inteira se enfeza e, com márcias feridas mútuas vão caindo os irmãos súbitos.

E já os jovens nascidos para vida breve

batiam com o túbio peito a mãe sanguínea, 125

e só restaram cinco, dos quais um foi Équion.

Este, ouvindo à Tritônide, largou as armas e pediu aos irmão a paz e a paz lhes deu. A estes associou-se o estrangeiro Sidônio, quando fundou a urbe ordenada por Febo.130

Já alçava-se Tebas. Já podias, Cadmo,

ver-te feliz no exílio: Marte e Vênus tinhas como sogros e a prole de uma nobre esposa, filhos, filhas e, caros penhores, os netos

já crescidos. Porém, deve-se esperar sempre 135

o dia extremo e ninguém pode ser chamado de feliz, antes do  
óbito e das honras fúnebres. Primeira causa a ti de luto, entre  
outras boas,

foi, Cadmo, um neto e estranhos chifres acrescidos

à frente, e vós, cães, fartos com o sangue do amo. 140

Pesando bem, se vê que foi culpa da sorte,

não um crime. Com efeito, enganar-se é crime? Havia um  
monte infecto com a morte de feras, e o meio-dia as sombras  
de tudo encurtara

e o sol equidistava dos pontos limítrofes, 145

quando o jovem hiantio chama os companheiros que em  
fundas matas caçam, com a voz tranquila: “Redes e espadas  
têm muito sangue de feras.

Foi um dia de sorte, amigos. Quando Aurora,

em seu carro açafraão, trazer de novo a luz, 150

voltaremos à lida. Agora Febo acha-se

no zênite e com seus vapores sulca os campos. Parai por hoje e  
as redes nodosas erguei”.

O bando a ordem ouve e interrompe o trabalho.

Havia um vale de cipreste agudo e pinho, 155

Gargafia, sagrado à Diana caçadora,

em cujo extremo existe nemorosa gruta, por arte alguma  
trabalhada; a natureza imitou a arte, pois com pedra-pomes  
viva

e finos tufos arco natural formara. 160

À destra cristalina fonte murmureja, numa clareira margeada  
de gramíneas. Aqui a deusa sempre descansa da caça

e banha os membros virginais em água límpida.

Quando na gruta entrou, deu a uma das Ninfas 165

o escudo, o dardo, a aljava e o arco distendido; outra nos  
braços recolheu a sua roupa;

duas lhe descalçaram os pés; a mais sábia, a ismênide Crócale  
ata-lhe os cabelos ,

antes à nuca, embora ela os seus soltasse. 170

Néfele, Ránis, Híale, Fíale e Pseca

apanham água e vertem-na com grandes ânforas. Enquanto aí,  
à linfa, se lava a Titânide,

eis que o neto de Cadmo, deixando o trabalho

e errando em bosque ignoto com incertos passos, 175

chega ao recanto sacro; assim quis o destino. Tão logo entrou  
na gruta úmida de fontes,

as ninfas nuas, vendo o homem, tal como estavam, os peitos batem, e de súbito alarido

enchem o bosque, e rodearam a Diana, 180

cobrindo-a com seus corpos. Porém, é mais alta a deusa que elas e ultrapassa-as, colo acima.

A cor, que sói tingir as nuvens quando o sol as fere pela frente ou a da aurora púrpura,

foi a do vulto visto sem véu de Diana. 185

E ainda que o seu séqüito a rodeasse, ela mostrou-se oblíqua e virou a cabeça para trás; desejando ter à mão as setas,

a água que havia asperge no rosto do homem.

Molha os cabelos dele com água ultriz, 190

e lhe anuncia assim a iminente ruína:

“Agora, conta que me viste sem a veste, se poderes.” Sem mais ameaças, espalha na úmida testa chifres de cervo longo,

estica-lhe o pescoço e aguça-lhe as orelhas, 195

muda em patas as mãos, e os seus braços em pernas

longas e com manchado pelo o corpo cobre-lhe; e lhe põe medo. Foge o herói autooéide

e admira-se de ser tão veloz na corrida.

Quando deveras vê o rosto e os chifres n'água, 200

“Infeliz de mim” quis dizer, e a voz não veio; gemeu, e a voz foi  
isso; e em face alheia lágrimas fluíram. Só sobrou-lhe a  
primitiva mente.

O que fazer? Voltar ao seu teto real?

Na selva, entrar? Pudor e temor o impedem. 205

Enquanto hesita, vêm seus cães; logo Melampo, e o sagaz  
Icnobates ladrando o assinalam, Icnobates de Gnosos,  
Melampo espartano.

Já outros mais velozes do que o vento acorrem,

Pánfago, Oríbaso, Dorceu, Árcades todos, 210

e os ferozes Nebrófono, Téron e Lélaps, Ptérelas bom dos pés e  
de nariz bom Agre, e Hileu feroz, por javali, recém-ferido, Nape,  
filha de lobo, e a que persegue gado,

Pémenis, e com duas crias vem Harpia, 215

Ládon de Sícia de magrela complexão,

e Dromas, Cânaque, Estite, Tigre e Alce,

e o níveo Léucon, e o de pelo negro Asbolo, Lácon tão vigoroso  
e Aelo rapidíssimo,

Tôo e veloz Liscisca com seu irmão Cíprio, 220

e, distinto por mancha branca em frente negra,

Hárpalo, e Melaneu, Lacne de corpo hirsuto e Labro e Agríodo de pai díctio e de mãe da Lacônia, e Hiláctor de latido estrídulo, e tantos outros, basta! A matilha faminta 225

o persegue por rochas e ínvios penhascos, onde o caminho é árduo, ou mesmo não há. Ele foge em paragens onde antes caçava, foge - ai! - de seus fâmulos! Gritar queria:

“Ácteon sou, reconhecei vosso senhor!” 230

As palavras não vêm. No ar ressoam latidos. Melanquetes primeiro o lombo lhe feriu, Teridamas depois; no ombro o prende Oresítrofo. Partiram bem mais tarde, mas cortando o monte,

passaram à diante. Enquanto o amo emboscam, 235

o resto da matilha acorre e o corpo morde-lhe, até não poder mais. Ele geme e o ruído, embora não humano, não é o de um cervo,

e enche os queridos montes de tristes queixumes.

Caído de joelhos, como um suplicante, 240

volve, falto de braço, o rosto taciturno.

Mas os sócios ignaros a matilha instigam

por costume, e com os olhos Ácteon procuram, e, qual se ausente fosse, por Ácteon gritam

(ao nome, ele volve a face) e se ressentem 245

de sua falta à cena da presa em partilha.

Queria não estar lá, mas está, queria

ver, não sentir, os feros feitos dos seus cães. Circundam-no e  
enfiam-lhe o focinho ao corpo,

dilacerando-o sob falsa imagem de cervo, 250

até que por feridas mil morrendo, dizem, a ira de Diana  
Arqueira saciou-se.

A opinião se dividiu: a uns a deusa

pareceu mais cruel que o justo; a outros, digna

de austera virgindade. A razão tem dois lados. 255

Só a esposa de Júpiter não diz se aprova

ou culpa, apenas se compraz com o infortúnio da casa de  
Agenor, e o ódio à rival tíria

à estirpe passa. Eis que se ajunta ao primeiro

agravo um mais recente e sofre vendo grávida 260

Sêmele do Grão Júpiter. E a língua solta:

“O que ganhei com tantas reclamações?” disse,

“A tal devo atacar, a tal, se Juno máxima

me chamam, perderei, se à destra me convém

gemado cetro, se rainha, esposa e, irmã 265

de Jove ao menos, sou. Mas, quiçá, se contente com um caso e  
seja breve o ultraje ao meu tálamo.

Concebeu! Era o que faltava. Mostra o crime no útero e quer ser  
mãe só por obra de Júpiter,

que mal mereço. Tanta é a fé na beleza. 270

Ilude-se. Satúrnica não serei se não

a mergulhar em águas estíguas seu Júpiter”.

Do trono se ergue e escondida em nuvem fulva, vai ao solar de  
Sêmele. E não some a nuvem

antes de ficar velha. Pôs cãs sobre as têmporas,275

sulcou rugas na pele e curvada e tremendo cambaleou;

também simulou voz senil,

e virou Béroe, ama epidáuria de Sêmele. Então, depois de longa  
e capciosa prosa,

surge o nome de Jove, ela suspira e diz: 280

“Que seja Júpiter, mas temo tudo. Muitos

sob o nome de um deus adentram castos tálamos. Não basta  
ser Jove; mas dê prova de amor,

se deveras é ele; e tal e qual se mostra,

quando a alta Juno o acolhe, a ti se mostre, roga, 285

e te abrace investido de seus atributos”.

Com tais conversas, Juno a ignara Cadmeide convenceu. Esta pede a Jove um dom qualquer; O deus lhe diz: “Escolhe. Não te faltarei.

E para que mais creias, ateste-me o nume 290  
do rio Estige, até pelos deuses temido”.

Alegre e presunçosa, a ponto de morrer  
por obséquio do amante, Sêmele pediu-lhe:

“Qual, quando atas Satúrnica com laços de Vênus,  
mostra-te a mim”. O deus quis impedir a boca 295

de falar; já a voz se espalhara nos ares. Gemeu; pois já haviam  
feito, ela o pedido, a jura, ele. Então, subiu ao céu tristíssimo e  
com o olhar reúne as nuvens, misturadas

a relâmpagos, ventos e chuvas e ajunta 300  
o trovão, assim como o infalível raio.

Mas tenta o quanto pode amenizar-lhe a força; nem se arma  
agora com o fogo que abatera centímano Tifeu: há muito furor  
nele.

Há outro mais leve, que a destra dos Ciclopes 305  
dotou de menos chama, violência e fúria;

os deuses chamam-no, segundo. Pega-o e entra em casa de  
Agenor. A mortal não suporta

o celeste tumulto e o dom do amante ardeu-lhe.

O infante prematuro é arrancado à mãe, 310

e, tenro, em fêmur pátrio, se é digno de crer, foi posto até que a  
gestação se completasse.

Logo, a tia materna, Ino, a furto, em berço o cria; e após, em  
grutas, as Ninfas niseides

o ocultaram e o próprio leite elas lhe deram. 315

Enquanto em terra dá-se isso por lei fatal, e Baco duas vezes  
nato está a salvo,

conta-se Jove, ébrio de néctar, ter deixado seus graves afazeres  
e travado alegre

prosa com Juno: “Sentes mais prazer que os homens 320  
no sexo, certamente”, ele teria dito.

Ela negou. Aprouve-lhes levar o assunto

a Tirésias, nos dois modos de Vênus, douto.

Pois com dois toques de bastão em verde relva

violara a cópula de duas grandes víboras; 325

e de homem fez-se fêmea, por encantamento, durante sete  
outonos. No oitavo as reviu

e diz: “Se vossas chagas têm tanto poder

de mudar em contrário a sorte do agressor,

ora vos ferirei”. Batendo em ditas cobras, 330

retorna à forma antiga e ao modo de nascença. Feito árbitro,  
então, desta rixa jocosa,

põe-se ao lado de Jove. A Saturnia ficou, dizem, bem mais  
zangada que o caso pedia,

e os olhos do juiz danou à noite eterna. 335

O pai onipotente, posto não ser lícito

divo feito anular, em troca de olhos deu-lhe a visão do futuro e  
a pena mitigou-lhe.

Este, famoso pelas cidades da Aônia,

respondia infalível a quem o inquiria. 340

A primeira a sentir-lhe a veracidade,

foi cerúlea Liríope, que outrora, em curvo curso enlaçou Cefiso,  
e, presa na corrente, a violou. A ninfa belíssima, grávida,

pariu um filho, mui digno de ser amado, 345

e de Narciso o chama. Consultado, então, se viveria até a  
senectude, o vate

fatídico falou: “Se não se conhecer”. Durante anos, vã parece a  
voz do áugure.

Furor estranho e o tipo de morte comprovam-na. 350

O Cefisio contava, então, dezesseis anos, podendo ser tomado por menino ou jovem. Muitos moços e muitas moças desejavam-no; mas, tão dura soberba havia em ternas formas, nenhum rapaz, nenhuma moça lhe tocou. 355

Viu-o alçando as redes com os cervos trêmulos, ninfa loquaz , que ao ouvir não fica calada, nem fala antes de alguém, a ressoante Eco.

Eco tinha, então, corpo, não só voz; porém, igual agora, a boca repetia, gárrula, 360 entre tantas, somente as últimas palavras.

Fez isto Juno, pois podendo surpreender as ninfas se deitando em montes com seu Júpiter, Eco sempre a retinha com longas conversas, para as ninfas fugirem. Satúrnica entendeu 365 e disse: “a tua língua, que me iludiu tanto, pouco poder terá, no uso parvo da voz”.

E a ameaça confirma: quando alguém diz algo, Eco repete apenas o final das frases.

Quando, então, viu Narciso errando pelos campos, 370 arde de amor por ele e a furto os passos segue-lhe; e quanto mais o segue, mais a chama arde,

tal, quando se unta a extremidade de uma tocha, o vivo enxofre inflama-se perto da chama.

Oh! Quantas vezes quis abordá-lo com brandas 375

preces e afagos. Sua natureza impede que ela fale primeiro; mas a deixa apenas acolher e ecoar as palavras que ouve.

Por acaso, o rapaz, desviado dos colegas,

gritou: “alguém me escuta?”, “escuta!” rediz Eco. 380

Queda-se atônito, dirige o olhar a toda parte,

alça a voz e diz: “vem!”; ela chama quem chama. Volve o olhar e não vendo ninguém diz: “Por que foges de mim” e ouve de volta a mesma frase.

Detém-se e, iludido por voz replicante, 385

fala: “aqui nos juntemos!”, e Eco, com volúpia nunca experimentada, devolveu: “juntemos!”

Seguindo suas próprias palavras, da selva sai e vai abraçar-se ao pescoço do amado.

Ele fugindo, diz: “tira as mãos, não me abrases, 390

morrerei antes que tu possas me reter!” E ela, apenas: “Que tu possas me reter!”

Desdenhada, se esconde em selva e de vergonha e ramos cobre o rosto e vive em grutas ermas.

No entanto, arde o amor e cresce com a dor; 395

a insônia lhe consome o corpo miserável,

a magreza lhe enruga a pele e no ar se esvai o suco corporal.

Restam só voz e ossos.

A voz vive; viraram pedra os ossos, dizem.

Assim, se esconde em selva e em monte nunca é vista. 400

Todos ouvem-na; é som o que nela vive. Assim Narciso, esta e outras ninfas de águas e montes e também rapazes, iludira.

Logo, um dos desprezados, ergue as mãos ao céu:

“Que ele ame e quiçá não possua o amado!” 405

Disse. Assentiu à justa súplica Ramnúsia. Havia uma fonte argêntea de águas límpidas,

que nem pastor, nem cabras que pastam nos montes tocaram, nem um outro gado ou algum pássaro

ou fera perturbara, ou ramo quedo de árvore. 410

Havia grama em volta nutrida de húmus, e uma selva vetando o sol neste lugar.

Aqui, cansado de calor e caça, o moço se deitou, atraído pela fonte amena.

Enquanto anseia a sede aplacar, outra nasce. 415

Enquanto bebe, preso à bela imagem vista,

ama objeto incorpóreo, sombra em vez de corpo. Se embevece  
de si, e no êxtase pasma-se,

como um signo marmóreo, uma estátua de Paros.

Contempla, à beira, os seus olhos, estrelas gêmeas, 420

a cabeleira digna de Apolo e de Baco,

a face impúbere, o pescoço ebúrneo, a grácil boca e o rubor à  
nívea candura mesclado;

e admira tudo aquilo que o torna admirável.

Sem o saber, deseja a si mesmo e se louva, 425

cortejando, corteja-se; incendeia e arde. Quantos beijos irados  
deu na falaz fonte!

Quantas vezes querendo abraçar a visão,

na água os braços mergulhava achando nada!

Não sabe o que está vendo; mas ao ver se abrasa, 430

e o que ilude os seus olhos mais o incita ao erro. Por que, em  
vão, simulacro fugaz buscas, crédulo? O que amas não há; se te  
afastas, desfaz-se.

Isto que vês reflexo é sombra, tua imagem;

nada tem de si; vem contigo e se estás fica; 435

se partes, caso o possa, partia contigo.

Nem os frutos de Ceres, nem o sono, podem demovê-lo; mas, ele, imerso em relva opaca, contempla a falsa forma sem faltar os olhos,

e por seus olhos fina-se. E erguendo, um pouco, 440

os seus braços à selva que o rodeia, indaga:

“Acaso, ó selva, alguém mais cruelmente amou? sabes, pois deste a muitos refúgio oportuno.

Acaso, posto que viveste tantos séculos,

lembras de alguém que, outrora, assim tenha sofrido? 445

E vejo o que me apraz; mas o que ver me apraz, tocar não posso, e em tanto engano sigo amando. E para mais sofrer, não nos separa o mar ingente, estrada, monte ou sólidas muralhas.

Água exígua nos obsta. Ele aspira a mim; 450

pois, quantas vezes beijo sua face líquida,

ele, outras tantas, tenta unir-se aos meus lábios. Crês possível o toque: um mínimo nos obsta.

Quem és? Vem cá! Rapaz sem par, por que me iludes?

Aonde vais sem mim? Em beleza e idade 455

somos pares, e até mesmo as ninfas me amaram. Esperança me dás com teu semblante amigo;

quando te estendo os braços, teus braços me estendes; quando rio, sorris; sempre vejo em ti lágrimas,

se lacrimejo, e ao meu aceno tu assentes; 460

e, pelo movimento de teus belos lábios, colho palavras que aos ouvidos não me vêm.

Esse sou eu! Sinto; não me ilude a imagem dúbia. Ardo de amor por mim, faço o fogo que sofro.

Que faço? Rogo ou sou rogado? A quem rogar? 465

Quero o que está em mim; posse que me faz pobre. Oh! Se eu pudesse separar-me de meu corpo!

Desejo insólito: querer longe o que amamos!

Já a dor me tira a força, resta-me de vida

pouco tempo e na minha mocidade expiro. 470

A morte não me pesa, alivia-me as dores. Este que amo queria que vivesse muito.

Agora, os dois concordes, morreremos juntos”. Disse e, demente, torna o olhar à mesma face,

de lágrimas turvou a água e a imagem 475

movendo obscureceu. Ao vê-la ir-se, grita:

Foges para onde? Espera, não deixes, cruel,

teu amante. Que eu possa ao menos contemplar-te sem tocar e nutrir o meu triste furor”.

Enquanto se lamenta, rasga, no alto, a túnica, 480

e soca o peito nu com os punhos marmóreos. Tênuê rubor  
tingiu-lhe o peito golpeado,  
tal qual maçã que, branca em parte, em outra parte se  
enrubesce; ou uva imatura que toma,  
nos cachos variegados, uma cor purpúrea. 485

Quando ele se reviu na água de novo límpida, não o suportou  
mais; mas, qual a flava cera se funde em fogo brando e o  
orvalho matinal ao sol nascente, assim, definhado de amor,  
se liquida, e o devora um fogo lento e cego. 490

E já não há nenhum rubor na branca tez, nem ânimo ou vigor,  
que dava gosto ver, nem subsiste o corpo que outrora amou  
Eco.

Quando ela o vê, ainda que bem ressentida,  
dele se condói, e quantos “ai!” o triste moço 495  
diz, tantos “ai!” repete em ressoante voz.

E quando ele golpeia os braços com as mãos, também ela  
devolve o mesmo som plangente. Uma vez mais se vê na água  
e com voz extrema,

diz: “Ai, rapaz amado em vão” e o sítio em torno 500

tudo repete; e diz “Adeus”, “Adeus” diz Eco. Cansado, a cabeça  
tombou na verde relva, fechou-lhe a morte os olhos loucos pelo  
dono. Mesmo depois de entrar na morada infernal,

ele se olha no Estige . As suas irmãs Náíades 505

choraram, ofertando-lhe os cachos cortados; as Dríades  
choraram; Eco ressoou,

e preparavam já a pira e as tochas fúnebres; corpo nenhum  
havia. No lugar acharam

uma flor, cróceo broto entre pétalas brancas. 510

Tal fato deu ao vate merecida fama

e grande era o nome do áugure na Acaia. Mas um só homem o  
despreza, o Equiônide Penteu, de deuses zombador, e ri de  
oráculos

do velho, e exprobra-lhe a desgraça de não ter 515

olhos. Este movendo a fronte encanecida, diz: “Que feliz serias  
se fosses privado

de olhos também, e não visses os ritos báquicos! Porque virá o  
dia, que auguro bem próximo,

em que aqui chegará Líber, filho de Sêmele, 520

e, se não te dignares a honrá-lo com templos, serás  
despedaçado e esparso em mil lugares, teu sangue manchará a  
selva, a mãe e as tias.

E assim será! Pois julgas deus indigno de honra,

e queixarás que eu vi demais sob estas trevas”. 525

Falava ainda e o expulsou o filho de Équion.

Os fatos dão prova e os presságios se cumpriram. Líber chega,  
e festiva grita freme os campos;

a turba corre, matronas, moças e rapazes,

o povo e os próceres ao novo culto acodem. 530

“Que furor, filhos da serpente, prole márcia, vos aturdiu?”

Penteu pergunta, “tanto valem bronzes em choque, a flauta de  
ponta recurva e os mágicos conjuros aos que nem espadas,

nem trombetas, nem lanças em riste amedrontam, 535

que uns gritos de mulheres, um furor de vinho, obscenas hordas  
e ocos tambores o vençam?

Espanto-me, anciões, que, por longo mar vindo, aqui  
assentastes Tiro e os prófugos Penates,

e ora sem Marte vos prendeis? E vós, ó jovens 540

ferozes, meus iguais, convém pegar em armas, não em tirsos,  
cobrir-se de elmos, não de ramos? Lembrai-vos, peço, de que  
estirpe fostes natos, E da serpente que sozinha venceu muitos,

tende a coragem! Ela, pela fonte e o lago, 545

morreu; e vós, por vosso renome, vancei. Ela deu morte a fortes,  
expulsai os moles,

e honrai os vossos pais. Se os fados impediam que Tebas  
perdurasse, oxalá armas e homens

ruíssem a muralha ao som de ferro e fogo! 550

Miseros, mas sem culpa, por nosso destino verteríamos, livres de vergonha, lágrimas. Mas agora um rapaz inerme tomou Tebas,

a quem nem guerra, dardo ou cavalos aprazem, senão untada em mirra, a coma coroada 555

e veste tinta de púrpura e bordada em ouro.

Já o farei, (mantendo distância), admitir

que o seu pretense pai e esses ritos são fraudes. Se Acrísio desdenhou bastante o falso deus

e ao intruso fechou as portas da Argólida, 560

Penteu com toda Tebas vai ter medo dele?

Apressai-vos, ordena aos servos, e trazei

aqui o chefe preso e esta ordem cumpra logo”.

Seu avô e Átamas e os restantes parentes

o admoestam e em vão se esforçam em detê-lo. 565

Reprimido, irritado e mais cruel se torna, cresce-lhe a raiva mais ainda com a censura. Assim eu vi torrente, a que nada obstava, correndo mansamente e com pouco ruído;

no entanto, quando tronco ou pedra a obstruía, 570

espumante e violenta transpunha o obstáculo. Eis que voltam feridos servos, e, inquiridos por onde andava Baco, negam tê-lo visto

e dizem: “mas trouxemos este sacerdote

de seu culto”; e entregam, de mãos amarradas 575

às costas, um tirreno, seguidor do deus. Examina-o Penteu, com os olhos tremendos de ira; e embora adie o castigo, lhe diz :

“Ó tu que vais morrer, tua morte servirá

de aviso aos outros, dize-me o teu nome, pais, 580

e pátria, e por que freqüentas culto novo. Ele, sem medo diz:

“Acetes é meu nome,

Meônia é minha pátria, meus pais são da plebe.

Meu pai não me deixou terra que duros bois

arassem, nem ovelhas, nem novilha alguma. 585

Também ele era pobre, e com linha, anzol e vara sempre, os peixes saltando, pescava.

Esse era o seu ofício. Quando me ensinou-o, disse: “Recebe tudo que tenho, herdeiro

e sucessor”. Morrendo, nada me deixou, 590

exceto águas. Este é o meu patrimônio.

Para não ficar sempre nos mesmos penhascos,

logo aprendi a dirigir com mão experta

um barco, e o astro plúvio da Cabra de Óleno,

Taígete, as Híades, a Ursa, as casas 595

dos ventos e os seguros portos reconheço. Um dia, rumo a Delos, à terra de Quios vim, e, remando ao lado direito encostei e saltei fácil sobre a areia molhada.

Quando a noite acabou e a Aurora purpúrea 600

começara; levanto-me, e peço que tragam água fresca, mostrando o caminho da fonte; eu olho de alto morro o que a brisa promete,

chamo os meus companheiros e volto ao navio.

Aqui estamos! Disse Ofeltes, o cabeça, 605

e conduz pela praia um menino de traços virgíneos, presa, crê, em chão deserto achada. Este parece cambalear de vinho e sono,

mal segue. Observo o seu aspecto, o rosto e o traje;

nada vi nele parecido a um mortal. 610

Senti e disse aos sócios: “Que nume está neste corpo, não sei; mas, nesse corpo um nume está. Quem sejas, favorece e assiste as nossas lidas; e perdoa a estes.” – “não rogues por nós.”

Diz Dictis, o mais ágil em subir ao alto 615

do mastro ou em descer seguro por um cabo. Logo o apóiam  
Líbis, o ruivo Melanto,  
o vigia de proa, Alcímedon e Epópeo, que com a sua voz exorta  
os remadores,  
e os outros; tanto os cega a avidez de botim. 620

“Não permitirei que este barco se macule  
com sacra carga; aqui mando”. Disse e me pus na entrada. Se  
enfurece o mais ousado deles, Licabas, que de etrusca vila fora  
expulso,  
e pagava com exílio um cruel assassínio. 625

Este, enquanto resisto, me força a garganta, com mão forte, e  
ao mar me lançaria, se eu,  
embora sem querer, não me enganchasse em corda. A ímpia  
turba aprova o fato. Por fim, Baco,  
porque era Baco, - como se o clamor o senso 630

lhe tornasse, tirando-o do torpor do vinho,  
diz: “ Que fazeis? Que gritos! Dizei-me, marujos, como cheguei  
aqui? Aonde ousais levar-me? “Não temas”, diz Proreu, “e a que  
porto tu queres

Chegar, nos dize, e hás de lá desembarcar”. 635

- “Naxos”, diz Líber, “segui essa direção.

Lá é minha morada; lá sereis meus hóspedes”.

Pelo mar e por todos os deuses perjuram que assim será e içam as velas da nau.

À destra estava Naxos; à destra eu rumava: 640

“Que fazes, louco? Que furor!” Ofeltes disse; cada um por si. “Pega à esquerda”, e me fazem entender com sinal, outros no ouvido avisam-me.

Com espanto, digo-lhes: “Tomai, que outro dirija”,

E me aparteí do crime e, também, do meu mister. 645

Todos me acusam e murmuram contra mim, e Etálion, um deles, diz: “Nossa salvação depende só de ti, sem dúvida!” e tomando o meu lugar em rumo oposto a Naxos zarpa.

Então, o deus burlando-os, como se soubesse 650

da fraude agora, admira o mar da popa adunca, finge chorar e diz: “essa não é, marujos, a costa prometida, nem a minha terra.

Que fiz por merecer? Que glória é a vossa,

se vós, muitos e adultos, lograis um menino?” 655

Também chorei. A ímpia turba ri das lágrimas nossas e singra o mar com remos apressados. Por esse deus te juro agora – e não há outro

mais propício – e o que te digo é tão veraz,  
quanto incrível. O barco parou no alto mar, 660  
como se ele estivesse a seco no estaleiro. Espantados,  
persistem em bater os remos,  
e soltam velas, intentando um duplo impulso; a hera estorva e  
enreda os remos em recurvos  
laços e enche as velas de pesados cachos. 665  
O deus, com fronte ornada de uvas racemíferas, brande uma  
lança cheia de folhas de pâmpanos. Em volta tigres, vãos  
simulacros de linces,  
e feros corpos de panteras falsas jazem.

Os homens saltam fora, içados pela insânia 670  
ou por temor, e logo Médon enegrece o corpo, e o dorso  
saliente se recurva.

Licabas lhe falou: “ Em que prodígio estás  
te tornando? Ao falar, alarga a boca e encurva  
o nariz, e de escama a pele dura cobre-se. 675

Mas Líbis, impelindo os remos resistentes,  
viu, num instante, as mãos se encolherem e mãos já não eram;  
agora elas são barbatanas.

Outro, estendendo os braços às torcidas cordas,  
braços não tem, arqueia o seu corpo truncado 680

e salta ao mar; cresce-lhe cauda igual a foice, que se insinua  
qual chifres de meia-lua.

Por toda parte saltam, borrifam a água, emergem vez por outra  
e submergem de novo,

dançam em coro e alegres agitam os corpos, 685

sorvem e sopram água por largas narinas. Dos vinte, pois  
tantos levavam esse barco, só eu sobrava. Pávido, gélido e  
trêmulo

o corpo, o deus me tranqüiliza: “ Afasta o medo

do coração, e ruma a Dia.” Ali desembarcando, 690

aderi ao seu culto e sigo os ritos báquicos”.

Disse Penteu: “Se ouvimos a tua suspeita e longa história, foi  
para aplacar a cólera.

Servos, levai-o; corpo na cruz, aplicai-lhe

cruéis suplícios, e lançai-o na noite estígia”. 695

Logo o tirreno Acetes é trancado em sólida prisão; e enquanto  
se prepara os instrumentos de torturar, o ferro e o fogo, para a  
morte ordenada, se conta que as portas se abriram

e as cadeias caíram, por si, dos seus braços. 700

Insiste o Equiônide. Não manda outros,

vai o próprio ao Citéron, lugar dos mistérios, que o canto e a clara voz das bacantes soava.

Como um corcel fogoso, ao som dos clarins bélicos,  
freme e respira desejoso de batalha, 705

assim Penteu foi excitado pelos gritos longos cortando o ar, e reacende a ira. Quase ao meio do monte, envolto pela selva, há um campo sem mata e visível por todos.

Ali com olhar profano contemplava os ritos; 710

a primeira que o vê, tomada pela fúria, logo feriu Penteu arrojando-lhe o tirso,

sua mãe. “Io!”, ela exclamou. “Vinde, irmãs! Um grande javali em nossos campos erra,

vamos matar esse javali”. A turba inteira 715

se lança furiosa; juntas o perseguem;

já teme e, com palavras menos violentas,

já admite a culpa, já confessa o seu pecado. Ferido embora, grita: “Ajuda-me, tia!

Que a sombra de Ácteon comova-te, Autónoe!” 720

Ela não sabe de Ácteon e a destra ao súplice arrancou; Ino a outra lacerou, rompendo-a. Braço o infeliz não tem para estender à mãe,

mostra, porém, as chagas do tronco sem membros,

dizendo: “Mãe, me vê!” Agave, vendo, ulula, 725

sacode a nuca e a cabeleira agita no ar;

e com avulsa cabeça entre os cruentos dedos, exclama: “Io!

Esta vitória é obra nossa!”

As folhas atingidas pelo frio outono

o vento não arranca mais rápido da árvore, 730

que os membros desse homem as nefandas mãos.

Levadas pelo exemplo, aos novos ritos vão e aos altares

ofertam incenso as Ismênides.

## LIVRO IV

Mas não aceita Alcítoe, a filha de Mínias, as orgias do deus, e  
obstina-se em negar que Baco vem de Jove, e as irmãs se  
aliam nesta impiedade. Ordena o sacerdote festa  
celebrar, e as mulheres, livres do trabalho, 5  
cubram de pele o seio, soltem o cabelo  
e com coroa adornem e os tirsos nas mãos tomem, vaticinando  
a ira atroz do deus, se for lesado. Mães e noras obedecem  
e guardam roca, cestos e fios intactos, 10  
com incensos proclamam Baco, Brômio, Líeo, rebento único de  
duas mães ignígenas; Somam a estes Níseo, o intonso Tiôneo,  
Lêneo, semeador da uva dos festins,  
Nictélio, o pai Eléleo, Iaco, Euã,15  
e muitos outros nomes que tu tens, ó Líber, entre os gregos.  
Eterna é tua juventude,  
ó criança divina, tu és formosíssimo  
e admirado no céu. Quando estás sem os chifres,  
tens virgínea cabeça. Venceste o Oriente 20  
até onde o Ganges a tisonada Índia banha. Tu, venerando,  
matas Penteu e Licurgo sacrílegos, e lanças os corpos no mar  
Tirreno. Tu enfreias ambas as cervizes

ajaezadas dos lince. Bacantes e Sátiros 25

e um velho ébrio, que se apóia num bastão

e mal sustenta-se no lombo do asno, seguem-te. Por onde vais,  
ressoam clamor juvenil,

voz de mulheres, cavos tambores e címbalos

de bronze e em longos tubos a flauta de buxo. 30

“Vem bom e amigo!” rogam mulheres beócias,

e freqüentam os ritos; só as Miniêides perturbam os festins na  
lida de Minerva, cardam a lã, torcem o fio ao polegar,

ou, curvadas na roca, à faina as servas urgem. 35

Uma delas alonga o fio e diz: “ Enquanto outras cessando a lida  
vão aos falsos ritos, nós, retidas por Palas, deusa bem melhor,  
alivie as mãos com casos variados,

e, como o ouvido está livre, alternadamente, 40

para que o tempo passe depressa, contemos”. Aprovam as  
irmãs, instando-a a começar.

Ela hesita entre tantos sobre qual relato contar. Se narra sobre  
ti, ó babilônia

Dercetes, que mudada e coberta de escama, 45

crêem os palestinos, agitou os pântanos; ou sobre como a filha  
dela ganhou asas

e passou em alva torre os seus últimos anos; ou como a Náíade  
com canto e fortes ervas,

mudou corpos de jovens em silentes peixes, 50

até que virou peixe; ou como a planta de alvos frutos agora  
negros dá, tintos de sangue.

Este agradou. E já que não é tão sabido, assim começa,  
enquanto vão fiando a lã.

“Píramo e Tisbe, ele o mais belo dos jovens, 55

ela, a mais linda dentre as moças do Oriente, tinham casas  
contíguas, contam, na cidade que Semíramis fez de altos muros  
de adobe. A vizinhança permitiu se conhecerem;

Com o tempo o amor cresceu. E núpcias haveria, 60

mas os pais proibiram. Não puderam proibir dois corações  
cativos de igualmente arderem. Sem que soubessem, eles falam  
por sinais,

E quanto mais se oculta, mais fervia o fogo.

Numa parede-meia há uma fina greta, 65

surgida enquanto as casas eram construídas. Ninguém notara a  
falha, nesses longos séculos,

- o que não vê o amor? - Logo a vistes, amantes, e abristes via  
com a voz e ali seguros

costumavam trocar ternos murmúrios mínimos. 70

Sempre que Tisbe, de um lado e do outro Píramo, notavam os seus mútuos suspiros, diziam:

“Invejosa parede, obstas por que os amantes? Custava-te deixar-nos unir nossos corpos, ou, ao menos, abrir-te para nos beijarmos! 75

Ingratos não somos, a ti agradecemos por levar a ouvido amigo o que dizemos”. Depois de assim falar, de lugares contrários, de noite adeus disseram e cada qual deu beijos que não chegavam nunca ao outro lado. 80

Após a aurora remover noturnos astros, e o sol secar com raios ervas orvalhadas, vinham à mesma greta. Então, à meia voz, lamentam-se e decidem, na noite silente,

iludir os guardiões, saindo pelas portas, 85

e fora já do lar, deixar mesmo a cidade; e, para não errarem pelos vastos campos,

no túmulo de Nino, à sombra de uma árvore, se encontrariam. Copa prene de alvos frutos,

alta amoreira havia junto à fonte gélida. 90

Alegres com o pacto, fez-se longo o dia. O sol se pôs no mar, de onde a noite saiu. Hábil nas trevas, gira a fechadura Tisbe

E engana os seus, cobrindo o rosto com um véu,

chega ao túmulo e senta-se sob dita árvore. 95

O amor audaz tornava-a. Eis que uma leoa vem com a fuça suja  
de sangue de boi,

querendo aliviar a sede nessa fonte.

Sob os raios da lua, a babilônia Tisbe

a viu, e trêmula se esconde em gruta escura, 100

e na fuga deixou cair do ombro o véu. Quando a cruel leoa a  
sede aplacou n'água, de volta à selva achou o fino véu sem  
dona e o rasgou com a sua boca ensangüentada.

Chegando tarde, viu os vestígios seguros 105

da fera na poeira espessa e ficou pálido Píramo. Quando viu o  
véu tinto de sangue, diz: “Uma só noite há de perder dois  
amantes, dos dois, ela uma longa vida merecia,

pois sou culpado. Eu te danei, desgraçada, 110

eu te chamei a vir de noite em ermo horrído e não cheguei  
primeiro. O meu corpo rasgai, e devorai-me as vísceras com  
feros dentes,

ó quem quer que habitais nestas rochas, leões.

Mas é fraco quem quer morrer!” O véu de Tisbe 115

ergue e o leva consigo para embaixo da árvore. E após  
derramar lágrimas, beijando o véu:

“Recebe agora” diz “o hausto de meu sangue!” E o ferro preso  
ao cinto enfiou na barriga,

logo o arrancando à chaga fervente, nas últimas. 120

Caindo ao chão de costas, o sangue esguichou:

tal como quando um cano estragado de chumbo se rompe, e,  
por um fino buraco, escapole

um longo jato de água, o ar cortando, estrídulo.

O fruto da árvore adquire a tez escura 125

aspergido de sangue e a úmida raiz

tinge de cor purpúrea as amoras pendentes. Com medo, mas  
temendo o engano do amante, eis que ela volta e o busca com  
coração e olhos,

e anseia por narrar-lhe os perigos passados. 130

Reconhece o lugar e o formato da árvore; porém, a cor do fruto  
a deixa na incerteza.

Enquanto hesita, um corpo pulsando, vê, trêmula, no chão  
sangrento, e retrocede e, tez mais pálida

que o buxo, estremeceu de horror, como a planura 135

do mar que treme, quando a brisa leve a roça. Mas, ao parar,  
reconheceu os seus amores, os braços golpeou, com sonoros  
lamentos,

e arrancando os cabelos, abraçou o amado,  
e as feridas encheu de lágrimas e ao sangue 140

pranto mesclou, e o rosto gelado, beijando, “Píramo”, diz, “que  
sina te afastou de mim? Responde, Píramo; é Tisbe, a ti  
caríssima, que te chama. Escuta e ergue-te, jazente!”

Os olhos já pesados de morte abriu Píramo, 145

ao nome de sua Tisbe e, vendo-a, os fechou. Quando viu o seu  
véu e a bainha vazia,

sem a espada, diz: “tua mão, e o teu amor, te perdeu, infeliz.  
Tenho também mão forte,

e amor, que me dará força para ferir-me. 150

Te seguirei morto e dirão que fui eu, mísera, causa e sócia em  
teu fim. E tu, que só a morte arrebatou de mim, na morte me  
terás.

Ouvi, porém, a prece que ambos fazemos,

ó infelicíssimos pais, meus e também dele, 155

não negueis enterrar juntos num mesmo túmulo, estes que amor  
sincero uniu na hora extrema.

Mas tu, árvore, que ora cobres, com teus ramos, mísero corpo,  
logo a dois serve de teto,

guarda os sinais do sangue em negro fruto, apto 160

ao luto: monumento de uma morte gêmea”. Disse e, a ponta da espada pondo sob o peito, deitou-se nela, ainda úmida de morte.

Os seus votos chegaram aos deuses e pais.

Pois, quando está maduro, a cor do fruto é negra; 165

e o que restou das piras, numa urna pousa”.

Fim; depois de uma breve pausa, começou

Leocônoe a contar. As irmãs se calaram.

“Também o Sol, que a tudo impõe luz sideral,  
o amor prendeu; amores do Sol contarei. 170

Dizem que este deus viu o adultério de Vênus  
com Marte. Este deus vê sim tudo primeiro.

Condoído, ao marido, nascido de Juno,  
mostrou o ultraje e onde ele ocorreu. Mas este,  
a mente e a obra que com mão fabril sustinha , 175

perdeu. Logo, cadeias delgadas de bronze,

redes e laços aptos a iludir a vista

lima. Nem fio mais fino ou teia de aranha

no teto sobrepujariam esta obra;

e a pôs de modo a disparar ao leve toque 180

e o menor movimento, e o leito envolve hábil.

Quando estavam no leito a esposa e o adúltero,  
ambos ficaram presos, em meio aos abraços,  
aos ardis preparados por marido artífice.

Logo, Lênio abriu as portas de marfim 185

e os deuses admitiu. Os dois jazem ligados  
sem pudor. E um dos deuses jocoso almejou  
igual castigo. Os outros riram, e por muito  
tempo tal caso foi tão famoso no céu.

Exige Citereia pena memorável 190

ao delator de seus amores, o ferindo  
de amor igual. De que te serve agora, filho  
de Hipérion, tuas formas, cores e teus raios?

Ó tu, que abrasas toda a terra com teus fogos,  
fogo novo te abrasa; e devendo ver tudo, 195

a Leocótoe vês, e miras só na virgem

olhos que ao mundo deves. Ora vens mais cedo a Oriente, ora  
mais tarde em mar te pões,

e, para vê-la mais, dia invernal prolongas;  
ora falhas, e a dor da alma se transmite 200

à luz, e obscuro, aterrass os peitos mortais. Nem, porque a lua  
perto da terra eclipsou-te, empalideces; esse amor faz esta cor.

Amas só uma. A ti, nem Climene, nem Rodos,

nem a bonita mãe de Circe de Ea têm, 205

nem Clítie, pois, mesmo ignorada, desejava

o teu leito e ostentava ao mesmo tempo grave chaga. Leocótoe  
fez te esqueceres de muitas, Eurínome, a mais bela do povo  
odorífero,

a gerou. Mas depois que a filha adolesceu, 210

como a todas a mãe, ela a mãe superou. Orcamo, o pai, reinou  
em cidades da Acmênia, e, dentre os reis vindos do velho Belo, o  
sétimo. Sob eixo hespério pastam os corcéis do Sol.

Ambrosia, não grama, comem. Ela nutre-lhes 215

membros lassos da faina diurna e os repara,

e, enquanto em celestial pasto a quadriga farta-se e já é noite,  
o deus entra no amado tálamo,

sob a forma de Eurínome, sua mãe, e entre

doze escravas divisa Leocótoe à luz 220

puxando os fios lisos e girando o fuso. E como uma mãe beijou  
a cara filha,

dizendo: “É segredo. Retirai-vos, servas,

não priveis uma mãe de dizer seus segredos”.

Saíram. E sozinhos no quarto o deus disse: 225

“Eu sou aquele que divide o longo ano, que vê tudo e através de quem tudo se vê,  
o olho do mundo. Crê, me aprazes.” Ela assusta-se, e, em dedos frouxos, roca e fuso escapuliram.

O temor mesmo lhe convinha. E sem delongas, 230

o Sol volveu à vera forma e resplendor; A virgem, aterrada com visão insólita,

entregou-se ao fulgor e a violência do deus.

Clítie invejou; O amor que o sol lhe devotara

jamais foi moderado, e odiando a rival, 235

divulga o adultério, e a infâmia ao pai informa. Este fero e implacável com a súplice, que estendia ao sol as mãos dizendo:

“Ele

me violou contra meu querer” a enterrou

cruel na terra funda e fez de areia um túmulo. 240

Com raios o desfaz o nascido de Hipérion, e abre caminho para ergueres o teu rosto; mas não podias, Ninfa, erguer tua cabeça e o corpo exangue, sob a terra, então, jazias.

Contam que o condutor de alados corcéis nada 245

mais triste vira, após os incêndios de Fáeton.

Enfim, o Sol tentou devolver com a força  
dos raios calor vivo aos seus gelados membros. Mas, como o  
fado a tantos esforços se opunha,  
no local e no corpo espargue olente néctar, 250  
e, entre outras queixas, diz: “ Irás, contudo, ao céu.” Logo, o  
corpo embebido de néctar celeste,  
diluiu-se e umectou a terra com perfume; pouco a pouco, raízes  
cresceram na gleba  
e uma vara de incenso irrompeu sobre o túmulo. 255  
Mas a Clítie, embora o amor a dor desculpe, e a dor a delação,  
o portador da luz  
não mais a procurou para os gozos de Vênus. Desde então,  
definhou, louca de amor, a Ninfa,  
desanimada; e, ao relento, noite e dia, 260  
sentou-se no chão nu e com as grenhas nuas. Por nove dias,  
sem comer e sem beber,  
em jejum hauriu mero orvalho e suas lágrimas, nem se moveu  
do chão. Apenas via a face  
do deus rompendo, a ele dirigia o rosto. 265  
Seus membros, dizem, aderiram ao terreno, O livor converteu  
alguns em hastes secas. O rubor corou outros e, qual a violeta,  
cobre-lhe o rosto, flor. Ela, presa às raízes,

a face gira ao sol e mantém seu amor”. 270

Narrou-se, e o fato incrível prendera os ouvidos. Uns negam, outros lembram que tudo os verazes deuses podem. Mas Baco não é um daqueles.

Instou-se Alcítoe, pós silêncio das irmãs.

Movendo ao tear o fio do pano, diz ela: 275

“Calo-me sobre os tão conhecidos amores De Dáfnis, pastor do Ida, que Ninfa mudou

em pedra, por ciúme; a dor queima os amantes. Nem conto, como outrora, contra a natureza,

o ambíguo Síton foi ora macho, ora fêmea. 280

Celmo, a ti, hoje de aço, outrora fido a Júpiter infante, e aos Curetes nascidos das bátégas

e a Croco e Esmílace vertidos em florzinhas, deixo; vos reterei com terna novidade.

Por que Sálmake tem má fama, e com sua água 285

forte enerva e amolece os membros, aprendeis a causa oculta; a força da fonte é famosa.

Ao filho de Mercúrio e diva Citereia, as Náíades nutriram nas grutas do Ida;

na sua face os traços da mãe e do pai 290

se podem ver; também tomou o nome deles. Quando fez quinze anos, deixou os paternos montes e o Ida que o nutrira e vagueou alegremente por lugares e por rios

ignotos e o desejo atenuava a fadiga. 295

Foi às cidades lícias e aos Cários, vizinhos da Lícia. Ali vê um lago de águas claras até o fundo. Lá não há canas palustres, juncos pontiagudos, ou ulvas estéreis;

O lago é cristalino, porém, é cingido 300

de terreno vivaz e relva sempre verde.

Uma ninfa mora aí, mas não caça, nem o arco dispara, nem disputa corrida e, das Náíades, somente ela a veloz Diana desconhece.

Sabe-se que as irmãs sempre lhe advertiam: 305

“Sálmace, pega o dardo, ou a ornada alvaja, e mistura teu ócio, com a dura caça.”

Ela nem dardos pega, nem ornada alvaja, nem ao ócio mistura uma dura caça;

mas ora banha os membros formosos na fonte, 310

e sempre arruma os cachos com pente Citóreo, e consulta a água, onde olha o que lhe convém;

Agora, com o corpo envolto em véu translúcido, se estende em tenras relvas ou tenras folhagens.

Ou colhe flores. Quando ao acaso as colhia 315

viu, então, o rapaz, e ao vê-lo, o desejou. Mas não se aproximou, embora desejasse, antes de se arrumar, de examinar a veste, compor sua expressão e parecer formosa.

Então, falou assim: “Rapaz, digno de ser 320

tido por deus, ou se és deus, podes ser Cupido; se és mortal, felizes os que te geraram,

feliz é teu irmão, e afortunadas são

tua irmã e a nutriz que te deu de mamar.

Mas muito mais feliz que todos a que a ti 325

foi prometida, se a julgares digna esposa. Se tens alguma, seja furtivo o meu gozo; se não, seja eu; vamos ao leito nupcial.”

Ela calou-se. O rosto do rapaz corou;

pois não conhece amor. O rubor lhe convinha. 330

Esta é a cor do fruto de árvore ao sol, ou do tinto marfim, ou da lua brilhando,

quando os bronzes ressoam em vão nos eclipses.

A ninfa pede sem fim pelo menos beijos

de irmã, e abraça o seu pescoço de marfim: 335

“Me deixa”, diz, “ou fujo e deixo a ti e a fonte?” Sálmacé teme e diz: “te deixo livre o espaço, estrangeiro, e simula dar um passo atrás;

então volvendo o olhar, oculta em selva espessa,

espia, de joelho, agachada. Mas ele, 340

achando-se invisível na relva vazia,

anda de um lado a outro e, brincando na água, molha a sola dos pés, da ponta ao calcanhar. Sem demora, atraído pelas águas tépidas,

do delicado corpo as leves vestes tira. 345

Então, atônita, deseja a forma nua,

Sálmacé com ardor. E os olhos dela abrasam-se qual quando Febo, em clara órbita brilhando,

é refletido numa imagem de um espelho.

Mal suporta a espera e mal contém o gozo, 350

já deseja abraçar, e à loucura se entrega. Ele bate o corpo com a palma das mãos, ágil, salta no lago, move um braço e outro, e n'água cristalina transluz qual estátua

ebúrnea ou lírio branco envolto em claro vidro. 355

“Venci e és meu!” exclama a Náíade e, com toda a veste longe lançada, arroja-se na água,

e agarra o resistente e, em luta beijos rouba-lhe, subjuga-o com as mãos e o peito acaricia-lhe,

e agora por um lado e outro cerca o jovem. 360

Enfim, mesmo lutando para escapar dela,

Ela o agarra, qual serpente que ave régia

no alto sustém; pendente ela a cabeça e os pés da ave enlaça e a cauda enrola em largas asas;

ou como a hera que se enrola em grossos troncos; 365

e como o polvo o inimigo em mar profundo prende, lançando em toda parte os seus tentáculos.

Resiste o Atlântíade e à Ninfa os prazeres nega. Ela o oprime e unida, corpo a corpo,

tal como estava, diz: “mesmo que lutes, improbo, 370

tu não me escaparás. Assim, ordenai, deuses, que ele jamais separe de mim e eu dele”.

Os deuses anuíram. E os corpos mistos de ambos se uniram e chegaram a ter aparência

de uno. Assim como em casca se enxertam dois ramos, 375

com o tempo eles crescem juntos num só galho; assim, quando seus membros num abraço forte se uniram, não são dois, mas uma forma dúplex, nem rapaz, nem mulher, e que a nenhum parece.

Logo que viu que as águas claras, onde entrou 380

homem, o converteram em meio-varão

de fêmeos membros, ergue as mãos Hermafrodito, já sem voz  
viril diz: “ Dai dons a vosso filho,

ó pai e mãe, pois eu levo o nome de ambos:

Quem quer que nessa fonte entre homem saia 385

Semi-varão e logo, ao tocá-la, efemine-se”. Comovidos os pais  
pelo filho biforme, misturaram à fonte incestuoso filtro.

A estória chega ao fim, mas as filhas de Mínia

fiam, o deus desprezam, e a festa profanam, 390

quando súbito tímpanos ao longe roucos retumbam, e a flauta  
de adunco chifre e o bronze ressoam. E recendem açafraão e  
mirra;

e, incrível , os teares vão se esverdeando

e os véus pendentes florescendo como heras. 395

Parte muda-se em vide, e os fios em sarmento se convertem.

Do pano no tear sai pâmpano; a púrpura fulgura em uvas de  
cor viva.

Já era findo o dia, e chegara o momento

que tu não podes nem chamar trevas, nem luz, 400

mas os confins da dúbia noite com o dia. A casa, de repente,  
parece tremer, lâmpadas iluminam o palácio, rútilas,  
e ululam simulacros de feras cruéis.

Logo as irmãs se ocultam pelos tetos fúmidos, 405

e os diversos locais de fogo e luz evitam.

Ao se esconderem, uma membrana se estende nos membros  
curtos, e os envolve em asa tênue.

Como perderam a antiga forma, as trevas

não deixaram saber. Pluma não as ergueu; 410

porém, asas translúcidas as sustentaram.

E querendo falar, emitem voz mínima como seu corpo e finos  
lamentos estrídulos. Casas, não selva, habitam. Odiando a luz,  
voam de noite, e o nome vem da tarde Vésper. 415

Deveras, Baco torna-se famoso em Tebas inteira, e a todos sua  
tia exalta a força

do novo deus, e dentre as irmãs, era a única que não sofrera, a  
não ser por suas irmãs.

Juno, vendo-a soberba do marido Átamas, 420

da prole e do pupilo divo, não suporta e diz consigo: “pôde o  
filho da rival

mudar e ao mar marujos meônios lançar, fazer mãe estripar as  
vísceras de filho,

e cobrir de asas novas as três Miniêides; 425

nada faz Juno exceto chorar os ultrajes? Isso me basta? Meu poder é este apenas?

O inimigo me ensina lícitas lições.

E o que lucra a loucura, a morte de Penteu

de sobra me mostrou. Por que não incitar 430

Ino à loucura de imitar os seus parentes?” Há um declive à sombra funesta dos teixos que conduz, em silêncio, à sede infernal.

O inerte Estige aspira névoa e sombras novas

descem ali e os simulacros dos sepultos. 435

Palor e frio imperam nesses ermos hórridos,

E a via à urbe estígia e ao fero palácio do negro Dite os Manes novos ignoram.

Mil entradas e portas abertas existem

na extensa urbe. E como o mar rios recebe440

de toda a terra, assim tal sítio as almas todas; não sendo exíguo, a turba acolhe indiferente.

Sombras exangues vagam sem corpo e sem ossos, parte ao fórum vai, parte ao lar do infero rei,

outras, antiga vida imitando, um ofício 445

exercem, e outras sua própria pena cumprem. Deixando o lar celeste, ali resolve ir, Satúrnica Juno, tanto ódio e ira tinha.

Logo que entrou, o umbral geme ao peso do sacro

corpo. Cérbero ergue suas três cabeças, 450

que latem juntas. Ela conclama as irmãs, filhas da Noite, grave e implacável nume; sentam-se presas às portas de aço do cárcere, e os cabelos de negras serpentes penteiam.

Logo que a vêem entre as sombras na caligem, 455

as deusas se erguem. Lá é a sede do crime. As vísceras de Títio, em nove jeiras, eram dilaceradas. Por ti, Tântalo, nenhuma água é captada e os galhos fogem fronte acima.

Buscas e empurras, Sífiso, a rocha de volta. 460

Íxion gira, foge e persegue a si mesmo.

E por tramarem o homicídio de seus primos, recolhem sempre a incontida água, as Bélides. Quando a Saturnia viu com torvo olhar a todos,

a Íxion sobretudo, evitou-os, e a Sísifo 465

volta-se, e diz: “Por que dos irmãos este sofre castigo eterno e Átamas soberbo em rico palácio vive e com a esposa me desdenha sempre?” Explica a razão do ódio e da viagem

e o que quer. Quer que caia o palácio de Cadmo, 470

e que as irmãs atraíam Átamas ao crime. Mesclou ordens, promessas e preces num só pedido às deusas. Quando Juno assim falou,

Tisífone, moveu, perturbada, os cabelos

brancos, cuspiendo cobras que lhe obstam a boca, 475

e assim falou: não é preciso mais rodeios,

dá por feito o que ordenas. Esse odioso reino deixa e retorna aos ares melhores do céu”.

Alegre volta Juno. Ao adentrar o céu,

aspergiu-a de orvalho Íris Taumantíade. 480

Logo, Tisífone cruel pegou a tocha imersa em sangue, pôs uma túnica rubra de cruor fluido, cinge-se de torta áspide e sai de casa. O Luto marcha junto a ela,

e o Pavor, o Terror e Insânia desvairada. 485

Ao umbral se deteve. As portas de Éolo, contam, tremeram, o palor descorou os batentes,

e o sol sumiu. Os monstros aterram a esposa e Átamas. E dispunham-se a sair de casa;

a infeliz Erínia interpôs-se à entrada, 490

e estendendo os seus braços prenhes de serpentes, sacudiu o cabelo. As cobras sibilaram;

parte cai nos ombros, parte, ao peito vindo,

assobia, vomita pus e a língua vibra.

Depois puxou da cabeleira duas víboras, 495

e as atira com mão pestífera. Mas elas prorrompem o regaço de Ino e de Átamas insuflando um fedor. Ferida alguma aos membros fazem; a mente é que sente os duros golpes.

Ela trouxe também fortes venenos líquidos, 500

baba de Cérbero e peçonha da Equidna, e delírios e cegas perdas de memória,

crimes, lágrimas, raiva e paixão de matar, tudo moído, junto com sangue recente,

coseu em cavo bronze com verde cicuta. 505

Apavorados, verte ela o fero veneno

no peito de ambos, atingindo o coração.

Então, girando a tocha sempre em mesmo círculo, logrou fogos do fogo atizado agilmente.

Missão cumprida, ela voltou ao vazio 510

reino do grão Dite e despoja-se da víbora. Logo o Eólide furioso no palácio

Clama: “Estendei as redes nestas selvas, servos! Cá estou vendo uma leoa e dois filhotes.”

E louco, qual fera, ao encalço vai da esposa, 515

do seio da mãe tira Learco que ri  
e os braçinhos estende, e duas ou três vezes  
roda-o no ar como uma funda e, em rocha rígida, feroz lhe  
esmaga a face. Então, a mãe levada  
pelas dores, ou pelo veneno infundido, 520  
ululou e fugiu desgrenhada e demente, contigo, Melicerte, nos  
braços desnudos:  
“Evoé, Baco!” grita. E ao nome de Baco, Juno riu: “Teu pupilo a  
isso sirva!”, disse.

Assoma os mares um rochedo, cavo embaixo, 525  
que defende da chuva as águas encobertas,

e o cimo em riste alonga-se no mar aberto. Ino aí sobe - deu-  
lhe forças a loucura -

e sem temor algum, se lança sobre o pélagos,  
com o seu filho; ao choque a onda encaneceu. 530

Mas Vênus, comovida com a pena injusta, dirige ao tio branda  
prece: “Ó deus dos mares, Netuno, a quem cabe o poder depois  
do céu, grande é o que te peço, apieda-te dos meus,  
a quem vês arrojados no Jônio imenso, 535

e os soma aos teus deuses. Algum prestígio tenho sobre o mar,  
se é que outrora fui concreta espuma em sacro abismo e vem  
daí meu nome grego”

Anui Netuno à prece e deles retirou

o que era mortal e digna majestade 540

lhes concedeu, além de nome e face nova:

chamou o deus Palémon; Leocótoe, a mãe.

As fâmulas sidônias, quanto podem, seguem-na, vêem pegadas  
novas na borda da rocha;

convictas de sua morte, a família de Cadmo 545

deploram, mãos a veste e os cabelos puxando, e odiaram a  
deusa, por ter sido injusta

e cruel com a rival. Juno não suportou

o insulto e diz: “farei de vós mesmas o máximo

monumento do meu terror.” E dito e feito. 550

Pois a que fora mais fiel disse: “no mar seguirei a rainha”, e,  
saltando, não pôde se mexer e ficou encravada na rocha.

Outra, ao tentar ferir o peito com os punhos,

sentiu os braços rijos ao querer movê-los. 555

Aquela, que ao acaso as mãos ao mar tendia, vertida em pedra,  
aponta suas mãos às ondas. De outras, arrancando os cachos  
de cabelos, podem-se ver, de súbito, os dedos de pedra.

Cada qual se manteve no gesto flagrado. 560

As ismênides são aves que ainda agora ferem aquele mar com  
as ponta das asas. Ignora o agenóride que a filha e o neto  
deuses marinhos são. Vencido pela dor,

pelas desgraças e prodígios que viu, sai 565

da urbe o fundador, como se a sorte a ela e não a ele  
perseguisse; e após errâncias

chega aos confins da Ilíria com prófuga esposa.

Já males e anos pesam, pensam no destino

da família e repassam juntos suas dores: 570

“Era sacra a serpente em que acertei a lança”, diz Cadmo,  
“quando, ao vir de Sídon, semeei dentes de cobra em solo,  
insólitas sementes? Mas se o zelo divino em cólera a vinga,  
peço que eu, serpente, o longo ventre estenda”. 575

Disse e, como serpente, o longo ventre estira, sentiu que lhe  
crescia escama em dura pele,

e o corpo negro se manchava em tons azuis; cai de braços e as  
pernas aos poucos se afinam

numa só, com formato de cauda cilíndrica.580

Braços ainda restam. E os braços estende, fluindo pela face  
ainda humana, lágrimas, disse: “Achega-te, esposa, achega-te,  
infeliz,

enquanto algo de mim resta, toca-me, e pega-me  
a mão, enquanto há mão e não sou toda cobra.” 585

Quer falar mais, mas de repente a língua em duas partes  
reparte-se, palavras pra dizer  
não tem e quando tenta lançar um lamento, sibila; a natureza  
deixou-lhe esta voz.

Ferindo o peito nu com punho a esposa exclama: 590  
“Calma, Cadmo infeliz! Despe-te deste monstro! Cadmo, o que  
é isto? teus pés, ombros, mãos, cadê?

a tez, o rosto e tudo, enquanto falo? Enfim,  
por que não me verteis também em cobra, ó deuses?

Disse. Ele lambia a face de sua esposa 595  
e os caros seios, como se os reconhecesse, e, abraçando-a, o  
seu pescoço procurava.

Seus companheiros se horrorizam; porém, lúbrica, acaricia ela a  
crista do dragão;

e súbito são dois, e serpeiam conjuntos, 600  
até que se ocultaram em um bosque próximo.

Agora, entanto, nem fogem do homem, nem mordem, e,  
mansos dragões, lembram-se do que antes foram.

Mas o grande consolo de ambos na mudança

de forma fora o neto que a Índia vencida 605

cultuava e a Acaia celebrava em templos. Da mesma estirpe  
apenas resta o abantiade

Acrísio, que afastando dos muros da argólica cidade o deus, se  
arma contra ele e nega-lhe

ser da prole de Jove. Nem cria que o fosse 610

Perseu, filho de Dânae em chuva de ouro. Mas, logo, Acrísio –  
tão potente é a verdade –

tanto do ultraje ao deus, como do ultraje ao neto, se arrepende.  
Um já tem lugar no céu. Mas outro,

tendo o espólio famoso do vipério monstro, 615

os ares ágil rompe com asas ruidosas.

E, sobrevoando, vencedor, areias líbicas, da cabeça da  
Górgona, cai sangue em gotas

que a terra absorve, convertendo em várias serpes

e por isso essa terra se infestou de cobras. 620

Levado por opostos ventos ao espaço, de cá pra lá, igual uma  
nuvem aquosa, vai e do alto céu as terras separadas

contempla ao longe e todo o orbe sobrevoa.

Ursa fria três vezes viu e hastes de Câncer; 625

ora ao ocaso, ora ao oriente é levado. Ao fim do dia, teme se fiar na noite,

e se detém no reino de Atlas, na Hespéria;

para um breve descanso, até que a luz da Aurora

convoque Lúcifer e Aurora o carro diurno. 630

Ali, vive o maior homem, filho de Jápeto, Atlas, de ingente corpo. Dos confins da terra ao mar que acolhe os potros sedentos e o carro fatigado do sol, o seu reino se estende.

Mil ovelhas e vacas suas pelos pastos 635

erram; e vizinhança alguma invade a terra. As copas de árvores brilhantes como ouro cobrem-se de áureos ramos e frutos de ouro.

“Dono”, Perseu lhe diz, “se és sensível à glória

de ilustre nascimento, sou filho de Júpiter; 640

se admiras façanha, admirarás as minhas.

Te peço abrigo e pouso”. De vetusto oráculo ele se lembra;

disse-lhe parnásia Têmis:

Atlas, tempo virá, que espoliarão o ouro

de tua árvore, obra de um filho de Júpiter”. 645

Temendo isto, Atlas fecha em muros sólidos o seu pomar e pôs um dragão para olhá-lo, afastando de seus confins os forasteiros.

E a este disse: “Fora! De nada te serve  
a glória de façanhas fingidas, nem Júpiter;” 650

e ameaça, com a força das mãos, expulsar Perseu que lhe  
rebate com calma e audácia.

Inferior em força – quem se iguala a Atlas

em força? – “Já que me tens pouca estima, aceita

este presente! Diz; à esquerda, de Medusa 655

o horrível rosto mostra-lhe, virando as costas. Atlas grande se  
fez monte. E barba e cabelos se tornam selvas; ombros e mãos  
cimos são;

o que era a cabeça é o pico do monte;

ossos se tornam rocha. Então, por toda parte, 660

dilatado, cresceu – assim quisestes, deuses – e todo o céu e os  
astros repousaram nele.

O Hipótide os ventos pôs no eterno cárcere e o claro Lúcifer,  
chamando à lida, em alto

céu surgiu. Suas asas retoma, Perseu, 665

ata-as aos pés, se cinge com sua arma curva, e, movendo as  
talares, corta os ares límpidos.

Deixando embaixo e em torno inúmeras nações, divisa a terra  
etíope e os campos cefenos.

Ali, sem merecer, Adrômeda pagava, 670

pela língua da mãe, pena do injusto Amon. Quando a viu, com o braço atado a duras penhas,

– se não fosse por leve sopro nos cabelos e os olhos lágrimas vertendo, a tomaria

por um mármore – íncio, o abantíade arde 675

e, arrebatado pela exímia formosura, quase se esquece de bater no ar as asas.

Parando, diz: “ Ó digna, não destas cadeias,

mas das que entre si juntam os amantes cúpidos,

dize-me, rogo, o nome desta terra e o teu, 680

e por que presa estás”. Ela se cala e, virgem,

não ousa olhá-lo; e com as mãos, modesta, o rosto encobriria, se estivesse liberada.

Seus olhos, o que pôde foi encher de lágrimas.

Insistindo ele muito, não quis parecer 685

culpa esconder, e o nome da terra e o seu próprio, e quanto fora a fé da mãe em sua beleza,

revela. E ainda não contara tudo, quando

onda retumba, e vem do imenso mar um monstro,

abrangendo com o peito a vastidão do pélago. 690

A virgem grita. Junto a ela os pais aflitos,

miseros ambos; ela com maior razão. Auxílio não lhe dão, só lamentos e lágrimas dignas da ocasião; e o atado corpo abraçam.

O forasteiro diz: “Longo tempo tereis 695

para chorar; para ajudar, a hora é breve.

Se a virgem pedir, eu, Perseu, filho de Júpiter, e da que, presa, fecundou de ouro Júpiter, Perseu, o vencedor da anguícoma Górgona,

e que ousou pelos ares ir em asas ágeis, 700

sou, de todos, o genro ideal. A tais dotes acresço meus serviços com favor divino.

Que, a virgem salva, a mim seja dada, é que oferto.”

Os pais concordam – quem discordaria? – , ajuda

pedem e lhe prometem um reino, de dote. 705

Eis, como nau veloz de pontiaguda proa sulcando o mar movida por suados braços, assim a fera as ondas cortando com peito, dista da penha o espaço que arma baleárica

pode com chumbo ao céu lançado atravessar; 710

quando, súbito, o herói, os pés premendo a terra, se eleva até as nuvens. Quando em alto mar,

a sombra viu-lhe, a fera lhe atacou a sombra; e qual ave de Jove, vendo em campo vago

dragão expondo o dorso escuro à luz de Febo, 715

pega-o por trás e, pra que atroz fauce não torça, crava as ávidas unhas no escamoso lombo; assim, lançando-se ao vazio em vôo veloz, preme o lombo da fera fremente e à direita

o inálide cravou-lhe a espada até os copos. 720

Ferida gravemente, ora se ergue no ar, ora se esconde n'água, ora se contorce,

qual feroz javali aos cães latindo em volta. Em ágil vôo, o herói escapa aos dentes ávidos;

e onde dá, ora em lombo coberto de conchas, 725

ora nos flancos, ora na cauda finíssima findando em peixe, fere com falcada espada. A besta, água a sangue purpúreo mesclada,

vomita. As asas se umedecem com os salpicos;

Perseu, não confiando nos talaes úmidos, 730

viu um rochedo de alto pico bem visível com água calma e oculto com mar agitado.

Se apóia nele e às bordas com a esquerda agarra-o; Por três vezes ou quatro ao flanco o ferro crava-lhe.

Clamor e aplauso encheram as praias e as altas 735

mansões dos deuses. Rejubilam-se e saúdam o genro, como auxílio e salvador da casa, Cassíope e Cefeu, o pai. Livre do cárcere, avança a virgem, preço e causa da façanha.

Ele mesmo lavou suas mãos vencedoras; 740

e para não ferir na areia a face anguífera, cobre a terra de folhas e plantas marinhas e aí põe a cabeça de Medusa Forcínide.

Vara verde e vivaz em medula porosa

sorve a força do monstro e ao contato endurece, 745

e seus ramos e folhas ganham rigidez.

As ninfas do mar tentam de novo o prodígio noutras plantas e alegram-se por consegui-lo, e lançam as sementes delas no oceano.

Agora a natureza dos corais é idêntica: 750

endurece no ar, convertendo-se em rocha sobre o mar o que era vime embaixo dele. Perseu faz três altares de torrão aos deuses:

Mercúrio, à sestra, à destra, a ti, ó virgem bélica;

Júpiter vem no centro. A Minerva uma vaca, 755

ao alípede um vitelo, um touro a ti, deus sumo. Conduz, depois, Andrômeda, sem dote, prêmio

por grande feito; tochas Himeneu e Amor brandem; se farta o fogo de muitos odores,

flores pendem do teto, e em toda parte a lira, 760

a flauta e os cantos, signos felizes de espíritos alegres, soam.

Portas abertas, os áureos

átrios se deixam ver e, com belo aparato, os próceres cefenos  
dão régio banquete.

Finda a festa, sob dom do generoso Baco 765

se relaxam, e, sobre os costumes e o povo, indagua o  
abantíade; um deles descreve os costumes e o jeito do povo ao  
lincida.

E em seguida, emendou: “Agora, ó fortíssimo

Perseu, dize-nos, peço, com que força e arte 770

subtraíste a cabeça ornada de serpentes”.

O agenóride conta que ao pé do Atlas gélido, há um lugar  
seguro por sólidas rochas;

em cuja entrada, estavam as Fórcides gêmeas,

que partilhavam o uso de um único olho; 775

Solerte, e a furto, enquanto era passado o colhe, com a mão  
estendida; após, por trilha oculta

e ignota e horrendas rochas em selvas fragosas, chega à casa  
gorgônea; em toda parte, em campos

e estradas, viu estátuas de homens e de feras 780

em pedra convertidos ao verem Medusa; refletida no escudo  
brônzeo à mão esquerda, vira, então, a cabeça da horrenda  
Medusa; enquanto em grave sono estão a dita e as cobras,  
corta ao colo a cabeça; e com asas fugaz 785

Pégaso e o irmão nascem do sangue da mãe. Conta os reais  
perigos da longa viagem; mares e terras vistas sob si lá de  
cima;

e os astros que tocou ao bater suas asas.

Mas antes do esperado, calou-se. Um dos próceres 790

perguntou por que só uma destas irmãs tinha serpentes aos  
cabelos entrançadas.

O hóspede diz: “Já que perguntas algo digno de relato, direi o  
motivo. Belíssima,

ela foi a esperança e a causa de ciúmes 795

de muitos; e mais belo que os cabelos nada tinha. Conheci um  
que disse tê-la visto.

No templo de Minerva, o deus do mar violou-a, dizem. Volveu,  
cobrindo o rosto casto, a filha

de Jove com o escudo. E como punição, 800

gorgôneas tranças converteu em torpes hidras.

E ainda agora, para infundir o terror

nos rivais, leva ao peito as cobras que criou”.

## LIVRO V

E enquanto entre os cefenos o daneio herói relembra os feitos,  
turba fremente os reais átrios enche. Nem é de festas nupciais,  
o clamor que se ouve, mas de feras armas;

e o banquete mudado em súbitos tumultos 5

é símile ao mar calmo, que a raiva cruel dos ventos exaspera  
com crispadas ondas. Fineu, o principal, incauto autor da  
guerra,

brande a lança de freixo e brônzea ponta, e diz:

“eis-me aqui, vingador de cômjuge roubada; 10

de mim, nem penas, nem em falso ouro Júpiter te livrará.”

Tentou romper, mas diz Cefeu:

“O que fazes, que idéia te leva furioso

ao crime, irmão? Assim é que favor tamanho

retribuis? Com tal dote o salvamento pagas? 15

Não foi Perseu quem te furtou, eis a verdade, mas as divas  
Nereidas, o Amon cornífero,

e o monstro que do mar ia devorar minha filha. Ela te foi  
tomada quando foi

condenada a morrer; a não ser que, cruel, 20

queiras que morra e te console a nossa dor. Não basta ela ter sido atada sob teus olhos e não fizeste nada como tio ou noivo;

e mais, tu te ressentas porque ela foi salva

e reclamas o prêmio? Se ele tem valor, 25

que o buscassem na rocha onde estava preso. A quem o fez, e órfã velhice me evitou, deixa levar o que é seu, por acordo e mérito; não foste o preterido, mas a morte certa”.

Ele nada responde, mas olha ora este, 30

ora Perseu, querendo atacar um ou outro;

hesitando, lançou em vão contra Perseu, a lança impetuosa, com vigor e cólera.

Como ela no leito fixou-se, Perseu

saltou feroz e a mesma lança o peito hostil<sup>35</sup>

trespassaria, se Fineu não se escondesse atrás do altar; infâmia! Ajuda o ímpio a ara. Mas a ponta cravou-se no rosto de Reto;

que, após cair, e lhe arrancarem do osso o ferro,

escoiceia e espirra sangue em mesas postas. 40

Então o povo inflama-se com ira indômita,

e atiram dardos, e há os que acham que Cefeu deve morrer com o genro. Mas do seu palácio, saiu Cefeu, jurando à lei, à fé, e aos deuses

da hospitalidade impedir o levante. 45

Bélica Palas vem, protege o irmão com a égide, e o encoraja. Havia o hindu Átis, que Limnae, filha do Ganges deu à luz sob vítrea água,

crê-se; de rara formosura, e rica veste

realçando-a, tinha só dezesseis anos; 50

e vestia uma clâmide tíria, bordada

de ouro; ornavam-lhe o colo colares dourados e o cabelo de mirra untado um curvo pente.

Destro em fixar o dardo, de qualquer distância,

era-o mais ainda em retesar o arco. 55

E enquanto retesava o arco maleável, Perseu o atinge com tição que ardia em ara, e, aos ossos fraturados, fundiu sua face.

Quando a louvada face embebida no sangue

viu o assírio Licabas, seu parceiro íntimo, 60

que não dissimulava um amor verdadeiro, depois que lhe exalou a vida acerba chaga, pranteou Átis e agarrou o arco que este retesara, dizendo: “vem lutar comigo,

e não te ufanes pela morte dele, e mais 65

ódio que glória colhes.” Nem dissera ainda tudo isso, dispara a penetrante seta,

que, evitada, adentrou a sinuosa veste.

Volve-lhe o alfanje usado em morte de Medusa

o acrisioníade, e lhe enfia ao peito. E ele, 70

morrendo, com os olhos sob a noite escura, procura em torno Átis, encosta-se nele,

e aos Manes vão, juntos na morte, consolados. Eis que o siênite Forba, da prole de Métion,

e o líbio Anfimédon, ávidos de luta, 75

no sangue que amornava a terra umedecida escorregam; erguendo-se, obstou-lhes a espada, contra a goela de Forba e as costas do outro imposta. Perseu não atacou o autóríde Ériton,

cuja arma era um grande machado bipene, 80

com curva espada, mas, ergueu uma cratera pesada com figuras em alto-relevo,

e atinge-o; ele sangue rútilo vomita e moribundo cai de cabeça no chão.

Então a Polidêmon, sangue de Semíramis, 85

a Liceto do Esquércio, a Ábaris do Cáucaso, ao cabeludo Hélice,  
a Flégias e a Clito derruba e calca.e empilha o acervo de  
corpos.

E Fineu que não quis lutar de perto, um dardo

lança contra o rival, e, errando, atinge Ida,90

que em vão se absteve de lutar e estava neutro. Encarando  
cruel Fineu, com torvos olhos, disse: “Já que me obrigas a  
tomar partido, Fineu, sou teu rival, e firo quem me fere”.

Ia lançar o dardo arrancado à ferida,95

quando, exangue, caiu no chão, desfalecido. Cai sob a espada  
de Climeno, Hodita, após

o rei, o principal; Hipseu mata Protênora,

o lincida a Hipseu. Entres eles estava

o velho Emátion, tão justo e temente aos deuses; 100

que, embora os anos combater proibam, luta com a voz e  
avança maldizendo a guerra insana. Abraçado ao altar com  
mãos trêmulas, Crômis, com gládio, corta-lhe a cabeça, que cai  
na ara

e ali com língua semiviva execrações 105

proferiu e expirou em meio ao fogaréu. Depois, os gêmeos  
Bróteas e Amon, no cesto invicto, (oxalá vencesse espada o  
cesto), caíram pela mão de Fineu, como Âmpico,

sacerdote de Ceres, de alva fita em tēmporas. 110

Tu, também, ó Lampétide, inapto a tais atos, mas que, em arte de paz, moves a voz e a cítara, vieste celebrar o banquete, cantando.

Ao longe, segurava em pé o plectro imbele;

Pétalo, rindo, disse: “Canta o resto aos Manes 115

do Estige”, e a espada crava-lhe em tēmpora esquerda.

Caiu e, com os dedos, morrendo, ele, as cordas da lira tange, e ao tombo, um lamento entoou. Mas Licormas feroz não deixa a morte impune,

tira ao portal direito a tranca de carvalho, 120

e os ossos lhe feriu na nuca. Logo, Pétalo caiu por terra, como um bezerro imolado. Quando pegava a tranca do outro portal ciníffio Pélates, sua destra foi fixada,

por seta do marmáride Córito, ao lenho. 125

Preso, Abas lhe fere o flanco; ele não cai, mas, suspenso, pendeu, à porta, pela mão. Também morreram Melaneu, dos de Perseu, e Dórilas, o mais rico entre os nasamões;

Dórilas, rico em campos; ninguém tinha mais 130

terra ou fazia mais incenso do que ele. O ferro lhe varou de través a virilha, golpe letal. Depois que o autor da ferida,

Halcioneu bractriano, o viu estertorando

e revirando os olhos, diz: “De tanta terra, 135  
retém a que te cabe” e o corpo exangue larga o abantiade ultor,  
tira da chaga cálida,  
e contra aquele atira a lança, que o nariz  
e a nuca rompe, aparecendo dos dois lados;  
guiando-lhe Fortuna a mão, a Clítio e Clane, 140  
filhos da mesma mãe, de modo vário fere; pois um freixo  
lançado por seu braço forte  
varou de Clítio as coxas; mordeu Clane o dardo. Morre o  
mendésio Celadonte, morre Astreu,  
de palestina mãe e incerto pai gerado. 145  
E Étion sagaz outrora em prever o futuro, por falsa ave logrado;  
e Toacte, escudeiro do rei e Argite, infame pelo parricídio.  
Há muito que lutar; pois o anseio de todos  
é destruir um só; e conjurados lutam 150  
pela causa contrária à justiça e ao mérito. A seu favor estão o  
sogro, pio em vão,  
a esposa e a sogra, que enchem de lamento o átrio.  
Mas o som de armas e os gemidos dos que caem  
superam-no, e Belona os penates violados 155  
inunda em muito sangue, renovando a luta.

A ele só, Fineu e os seus mil homens cercam, e voam dardos mais que granizo no inverno, por todo lado, contra os olhos e as orelhas.

Apóia os ombros numa das grandes colunas, 160

protege as costas, volta-se à turba adversa

e resiste aos que investem; investe à esquerda Molpeu caônio, à destra o nabateu Equêmon.

Como tigresa ouvindo em vale oposto dois

rebanhos a mugir, esfomeada não sabe 165

sobre qual se lançar primeiro, os dois querendo; assim Perseu hesita que lado atacar,

com um golpe, trespassa a perna de Molpeu, que fugir deixa, pois Equêmon não dá tempo,

mas se enfurece e, ousando ferir-lhe o pescoço, 170

sem moderar a força, a espada que brandiu se espatifou e contra uma coluna a lâmina rompeu-se e se fixou na garganta do dono. Mas tal lesão não foi tão grave, nem letal,

e enquanto ele treme e os braços tende inertes, 175

em vão, Perseu lhe crava o alfanje cilênide. Quando viu, seu vigor, a turba enfraquecer, disse Perseu: “ajuda terei de um rival,

já que assim me obrigais. Virai os vossos rostos,

quem é a meu favor”; e ergue a face da Górgona. 180

“Busca outro que teus prodígios tema”, disse Tésceles, e quando com a mão dardo fatal lançava, neste gesto congelou-se em mármore.

Próximo, Âmpice a espada ergue ao peito  
do Lincida magnânimo, e quando a erguia, 185  
a destra enrijeceu e não se moveu mais.

Mas Nileu, que de filho do Nilo Septêmplice se gabava e seus sete braços sobre o escudo gravara parte em prata, parte em ouro, diz:

Perseu, olha os primórdios de nossa nação; 190  
e às mudas sombras leva o consolo da morte por um homem valente.” o som final da voz se estanca ao meio e, entreaberta, tu crerias, que a boca quer falar, e as palavras não saem.

Érice increpa: “A covardia, e não a força 195  
da Górgona, entorpece; atacaí comigo

e prosternai o jovem que usa armas mágicas”. Quando rompia, a terra reteve os seus passos, e, imóvel, se tornou uma imagem armada.

Mereceram a pena todos; mas um deles, 200  
soldado de Perseu, Aconteu, em combate, mirou a Górgona e de pedra se tornou.

Astíage, achando que ele ainda vive,

fere-o com longa espada que retine aguda.

Pasmo, Astíage toma a mesma natureza, 205

e na marmórea face fica um quê de espanto.

Demorado seria o nome dos da plebe dizer. Duzentos inda restavam na luta; duzentos corpos rígidos ao ver a Gôrgona.

Então, Fineu se arrependeu da injusta guerra; 210

que Fazer? Ele vê simulacros diversos

e reconhece os seus; chamando-os pelo nome, pede ajuda, e, incrédulo, os corpos que estão próximos toca; mármore são; volve e, súplice,

estende as mãos confessas e os braços oblíquos: 215

“Vences, Perseu,” diz, “pega o teu monstro, o rosto petrificante, sei lá, da Medusa, e leva;

por favor, leva. Nem o ódio ou o poder me moveram à guerra; lutei por esposa.

Tens o mérito, justo; a prioridade eu tinha. 220

Sinto não ter cedido; nada além, fortíssimo, da vida me concedas; tudo mais é teu”.

Falava sem ousar olhar para Perseu,

que lhe responde: “O que, Fineu temerosíssimo,

posso te dar e que é grande dom ao covarde, 225

darei, não temas; ferro não te ferirá. De ti farei um monumento duradouro;

e sempre serás visto em casa de meu sogro, para que sirvas de consolo à minha esposa”.

Disse e a forcínide transfere para o lado 230

que, tremendo, Fineu, o rosto desviara.

Ao tentar desviar os olhos, o pescoço

fixa-se, e em pedra se convertem olhos úmidos. E se conserva em mármore o semblante súplice:

submissas mãos, face culpada e lábios trêmulos. 235

Vencedor, o abantíade ao lar com a esposa retorna e, ultor e defensor do avô indigno, ataca a Preto; pois, expulsando o irmão, Preto se apoderou das muralhas de Acrísio.

Mas nem com armas, nem tomando vil os muros 240

venceu os olhos torvos do vipéreo monstro. Mas, Polidecto, chefe de Serifo, a ti,

nem a força do jovem provada em façanhas, nem o pesar amoleceram, mas um ódio

nutres mortal e não acaba a injusta ira. 245

Deprecias a sua glória e diz fictícia

a morte de Medusa. “A verdade provo,

poupe os olhos!” Perseu disse e o rosto do rei, com o da Medusa, converteu em pedra exangue.

Até aqui Tritônia seguia o irmão<sup>250</sup>

gerado em ouro; após, Serifo, em nuvens côncavas, deixou. À destra, Citno e Gíaro passou.

Por via que em mar mais breve pareceu, Tebas e o Hélicon virgíneo busca. Achando o monte,

sentou-se ali e assim disse às doutas irmãs:       255

“Veio ao ouvido a fama de uma nova fonte, que o casco do medúcio alado fez brotar.

Por isso, viajei. Quis ver a maravilha;

vi nascer ele próprio do sangue materno”.

Responde Urânia: “Qual seja a causa de vir       260

à nossa casa, ó deusa, agrada-nos muitíssimo. É vera a fama, e Pégaso é a origem desta

fonte;” e às nascentes sacras Palas conduziu. Esta, admirando as águas criadas por coices,

vê os bosques sagrados em selvas antigas,       265

grutas e relvas cheias de inúmeras flores e pelo zelo e pelo sítio felicita

as mnemônides. Disse-lhe uma das irmãs:

“Se a virtude, ó Tritônia, a façanhas maiores,  
não te impelisse, em nosso coro cantarias, 270  
dizes o certo e aprova o nosso sítio e a arte; e grata sorte  
temos, se estamos seguras.

Mas (nada veta o crime) tudo aterroriza  
as mentes virginais e aos olhos torna lúgubre

o      Pireneu e ainda não me refiz toda.      275

Este, feroz, com trácios soldados invade os dáulides e a Fócida  
e, injusto, reinava. Aos templos do Parnaso íamos e ele viu, e  
finge venerar a nossa divindade:

“Mnemônides, parai”, diz, nos reconhecendo,      280

“por favor, evitai o céu pesado e a chuva  
e entrai em minha casa; entraram em menores deuses  
superiores.” Por causa do tempo,  
o convite aceitamos e entramos na sala.

Cessou a chuva, Áquilo vencendo o Austro, 285

e as nuvens foscas fogem do céu serenado. Queríamos partir.  
Pireneu fecha as portas para nos violentar; as asas nos  
salvaram.

Disposto a nos seguir, postou-se nas muralhas,

e diz: “na direção que fordes, vou também”.      290

E louco arroja-se do mais alto da torre,

e cai de frente, os ossos da face rompendo,  
e morre em chão tinto de sangue criminoso.”

Falava a musa; penas soaram nos ares  
e de altos ramos, uma voz veio saudar.      295

Olha pro alto, inquire de onde vem fala  
tão clara e a julga de homem a filha de Júpiter. Era uma ave;  
em nove, queixando dos fados, nos galhos pendem, imitando  
tudo, as pegas.

A musa fala à deusa: “Há pouco, vencidas 300  
numa disputa, as tais à turba alada uniram-se. O rico Piero as  
gerou em campos pélios;

Peônia Evipe foi a mãe. Ela invocou a potente Lucina, ao parir  
nove vezes.

Pelo número, inchou-se o orgulho das irmãs      305  
e, tolas, atravessam a Acaia e a Tessália, aqui chegam e travam  
combates, dizendo:

“Não iludis com vã doçura o povo inculto; se tendes fé em vós,  
conosco competi,

deusas tespíades. Na voz e pelo engenho      310

venceremos; e quantas sois, somos. Vencidas, dareis medúsia  
fonte e a hiante Aganipe; cederemos da Emátia à nevada  
Peônia,

se perdermos. Arbitrem o certame as ninfas.”

Torpe é ter tais rivais; mas ceder pareceu 315

mais torpe; eleitas, juram por rios as ninfas; e acomodaram-se  
em assento em rocha viva.

Então, sem sortear, a que desafiou

canta a guerra dos deuses, exalta os gigantes

e atenua as façanhas dos deuses maiores; 320

e, como Tifeu, vindo do fundo da terra, aterrou os celestes, que  
viraram as costas

em fuga, até que, lassos, no Egito, abrigou-os o Nilo separado  
pelos sete braços.

Narra também que ali chegou Tifeu terrígeno, 325

e que sob disfarce os deuses se esconderam: “Guardador de  
Rebanho”, disse, “se fez Júpiter, daí que o líbio Amon se vê com  
curvos chifres;

Délio foi corvo; o filho de Sêmele, bode;

gata, a irmã de Febo; alva vaca, Satúrnica; 330

Vênus se fez peixe; Cilênio, alado íbis.” Até aqui, ela cantou, tocando a Cítara; depois, nós, as aônides; porém, talvez, não possas dar ouvido à nossa cantoria”.

“Não hesites, repete-me os versos na ordem”, 335

sentada à sombra tênue do bosque, diz Palas. A musa fala: “A uma de nós coube o auge do certame; cabelo preso em hera, ergue-se Calíope, tangendo o polegar nas cordas

e ao plangente acorde ajunta estes versos:340

“Primeira, sulcou Ceres o chão com o arado; primeira, deu à terra grãos e moles frutos; primeira, deu as leis; tudo é dom de Ceres;

Ceres será cantada; que eu só cante versos

dignos da deusa! A deusa é, sim, digna de canto! 345

A vasta ilha da Trinácia, sobre os membros do gigante, comprime Tifeu subjogado, pois ousou conquistar as moradas etéreas.

Ele se esforça várias vezes para se erguer,

mas tem a mão direita sob Peloro Ausônio, 350

a outra, Paquino, é tua; as pernas, Lelibeu oprime, e a frente o Etna; sob o qual, deitado, feroz Tifeu vomita e cospe areia e chamas.

Muitas vezes tentou a terra remover,

desabando do corpo cidades e montes; 355

daí a terra treme e o próprio rei dos mortos teme que o chão desnudo se abra em largo hiato e a luz do dia aterre as sombras trepidantes.

Temendo isso, o tirano do lar tenebroso  
saíra , e, com seu carro de negros corcéis, 360  
cauto, cercava as fundações da terra sícula.

Após verificar que sítio algum tremia,  
já sem medo, Ericina, sentada em seu monte, junto do filho alado, vê o deus vagando:  
“Filho, és minha arma, mão e poder”, disse, 365  
“pega as setas, Cupido, com que a todos vences, e céleres as lança no peito do deus,  
que herdou o lote último do reino tríplice. Tu domas os celestes e até mesmo Júpiter;  
as deidades marinhas e o senhor dos mares; 370  
por que o Tártaro não? Por que os nossos domínios não estendes? Se trata de um terço do mundo.  
E até no céu, tal é a nossa paciência,  
nos desprezam, e a mim e ao Amor enfraquecem.  
Não vês que Palas e Diana caçadora 375

se abstêm de mim? A filha de Ceres também, se deixarmos,  
será virgem; pois quer o mesmo. Mas tu, por nosso reino, se o  
estimas tanto, atrela a deusa ao tio.” Vênus disse; a aljava  
ele abriu e, atendendo à mãe, dentre mil flechas, 380  
separou uma só, porém, a mais aguda  
e certa e que mais que outra se ajusta ao arco; contra o  
joelho, a haste flexível curvou  
e a flecha adunca atinge o coração de Dite.

Não longe das muralhas hênias há um lago 385  
fundo, chamado Pergo; Caísto não ouve  
canto de cisnes mais que ele em seu curso d’água.

A selva cinge o lago por todos os lados  
e como um véu protege-o dos raios de Febo.

Os ramos dão frescor; fértil chão, flores tírias; 390  
eterna primavera. Aí brinca Prosérpina, e colhe violetas e  
cândidos lírios,  
e com ardor de moça enche as cestas e as dobras da veste, e  
tenta colher mais que as companheiras;

tão logo a viu, amou-a Dite, e a raptou; 395

Que pressa tem o amor. A deusa, aflita, grita pela mãe e as  
amigas, mas, mais pela mãe,

e como tinha a veste rasgada ao regaço, muitas flores caíram  
da túnica frouxa;

e tal era a inocência e puerilidade 400

da virgem que esta perda mais lhe causou dor.

O raptor guia o carro e pelo nome exorta os cavalo, a crina e o  
pescoço açoitando

com as rédeas tingidas de obscura ferrugem.

Passa por fundos lagos e sulfúreos pântanos 405

dos Palicos, por jorros ferventes das fendas, e onde os  
Baquíades, da bímare Corinto, construíram muralha entre  
desiguais portos. Há em meio a Ciane e Aretusa de Pisa,

um golfo onde o mar se fecha entre dois cabos. 410

Ali vivia a que deu nome ao lago, Ciane, A mais célebre entre as  
ninfas da Sicília.

Ela emergiu das profundezas, ergue o busto e reconhece a  
deusa: “Não ireis mais longe”,

disse, “não podes, contra Ceres, ser seu genro”, 415

deves pedi-la, não roubar. Mal comparando

o humilde ao grande, Anápis amou-me também; pedida, e não  
perdida como esta, casei-me.” Disse e estendendo os braços a  
lados opostos,

lhe obstou; não mais conteve o Satúrnio a ira, 420

e exortando os terríveis corcéis, no imo abismo, com poderoso  
braço o seu cetro real,

enterrou; e da terra abriu caminho ao Tártaro, e acolheu a  
cratera o carro acelerado.

Mas Ciane desolada com o rapto da deusa 425

e o desprezo a seu lago, inconsolável chaga no peito cala, se  
desfaz inteira em lágrimas

e se reduz àquelas águas, onde era antes

o grande nume. E os membros, e os ossos e as unhas

se abrandando e perdendo a dureza, verias; 430

as partes finas tornam-se, primeiro, líquidas, os cabelos  
cerúleos, dedos, pés e pernas;

pois breve é a mudança dos lânguidos membros em ondas  
gélidas; após, os ombros, costas,

peito e os flancos se esvaem em tênues riachos;435

por fim, nas veias rotas linfa ao sangue vivo sucede e nada  
mais resta que prender possas. Enquanto isso, a mãe aflita em  
vão a filha busca por toda terra e pelo mar profundo.

Nem Aurora de úmido cabelo ou Héspero 440

viram-na repousar. Com as duas mãos, ela acendeu pinhos  
abrasados pelo Etna

e sem descanso, os leva por geladas trevas;  
e outra vez, quando o almo dia obstava os astro,  
do ocaso ao nascer do sol, buscava a filha. 445

Fatigada, sentia sede e fonte alguma  
a boca refrescou-lhe, e vendo, por acaso, uma choça de palha,  
à porta, bate; e sai uma velha, que, ao ver a deusa pedir água,  
deu-lhe um licor vertido em frita polenta. 450

Enquanto ela bebe, um rude e audaz menino sentou-se em  
frente e riu, chamando-a de glutona. Não tendo ainda tudo  
bebido, ofendida,  
a deusa derramou nele a polenta e o líquido.

O rosto se manchou todo e o que eram braços, 455  
são patas; e ganhou cauda os membros mudados; e para que  
não seja tão danoso, encolhe-o  
em breve porte, bem menor que lagartixa.

Da velha que chorava espantada e tentava  
tocá-lo, se escondeu; tem nome apropriado 460

à sua cor, e um corpo estrelado de pintas. Por quais terras e  
mares a deusa vagou

É moroso dizer; o orbe não lhe bastou. Regressou a Sicânia; e,  
enquanto tudo inquire,

veio a Ciane, que se não fosse mudada, 465

lhe contaria tudo; mas a boca e a língua lhe faltavam, nem  
tinha por onde falar. Porém, deu evidente sinal, lhe mostrando, à  
superfície d'água, o cinto de Perséfone,

conhecido da mãe, caído em sacro abismo. 470

Logo que o reconhece, como se soubesse do rapto só agora,  
arrancou os cabelos

e tantas vezes percutiu no peito as palmas.

Não sabe onde achá-la, e acusa as terras todas

de ingratas e indignas dos dons da colheita, 475

sobretudo, a Trinácia, onde achou vestígios do dano. Ali então  
com mão cruel rompeu os arados que o solo revolvem e, irada,  
deu à morte os lavradores e os bois rurícolas,

tornou inférteis campos e as sementes podres. 480

A fama de feraz dessa terra pelo orbe falsa jaz; as searas  
morrem ao brotarem, e ora muito sol, ora muita chuva ataca-  
as;

estragam-nas a chuva e o vento, e aves ávidas

as sementes no chão comem; o joio, o cardo 485

e inexpugnável grama obstam os trigais. Então a Alféia ergueu-  
se nas águas eléias, os cabelos molhados do rosto remove

e diz: “Ó mãe da virgem pelo mundo inteiro

buscada e da colheita a lida imensa deixe, 490

e não faças violência à terra a ti fiel.

A terra não merece, ao rapto à força abriu-se. Nem suplico por  
minha pátria; aqui sou hóspede;

Pisa é minha pátria, e origem nossa a Élida;

peregrina, a Sicânia habito; mas me agrada 495

esta terra mais que outra; aqui, eu, Aretusa, tenho lar e os  
penates, protege-os, dulcíssima.

Por que às ondas do mar imenso me lancei e à Ortígia cheguei,  
virá a hora certa

de narrar; quando te livrares dessa angústia, 500

tendo melhor semblante. A mim a terra aberta dá passagem, e,  
em fundas cavernas fluindo, aqui a fronte ergo, e os astros,  
enfim, vejo.

Pois, enquanto deslizo em subterrâneo Estige,

vi, com meus próprios olhos, a tua Prosérpina; 505

estava triste e tinha o rosto não impávido, porém é a rainha  
mor do mundo opaco,

a imponente matrona do infernal tirano”.

A mãe, ouvindo isto, como pedra, atônita

quedou-se muito tempo; e quando a intensa dor 510

do intenso pasmo a tira, partiu em seu carro para os ares  
etéreos. De rosto sombrio, cabelos soltos, ressentida, encara  
Júpiter, dizendo: “Venho a ti, Júpiter, suplicar,  
por sangue meu e teu. Se a mãe não conta nada, 515  
que a filha o pai comova; e que não cuides, peço-te, menos  
dela, porque nasceu de um parto nosso.

Eis que a filha, buscada há muito tempo, achei, quer chames de  
achar saber que a perdi; quer,

saber onde ela está. O rapto, suportamos, 520

se a devolver; marido raptor não é digno de tua filha, se já,  
sendo minha, não é”. Júpiter replicou: “A filha é tua e minha,  
penhor e ônus comum; mas se te apraz aos fatos

dar o nome correto, não é injúria o feito, 525

é vero amor; nem é o genro desprezível,

caso o aceites, deusa. Mais lhe falte, é muito ser um irmão de  
Jove! E nada mais lhe falta, dele ganhei senão por sorte? Mas  
se anseias

separá-los, Prosérpina ao céu voltará, 530

com uma condição: se alimento algum lá

não comeu; pois as Parcas assim pactuaram.” Disse, mas Ceres  
quer mesmo de volta a filha, mas, os fados não deixam, pois ela  
o jejum

quebrara, quando, ingênua, andando no pomar, 535

colhera em curva árvore um puníceo fruto e tirando da branca  
polpa sete bagas, espremeu-as na boca. De todos, apenas,

viu-a Ascálafo, a quem, contam, outrora, Orfe,

das ninfas avernais, a não menos famosa, 540

de Aqueronte gerou sob selvas tenebrosas; vendo, a delata,  
obstando-lhe, cruel, a volta.

A rainha do Érebo geme e do profano

ave fez, e aspergindo-lhe água do Flégeton,

no rosto bico, penas e olhos grandes forma. 545

Assim mudado, é envolto em fulvas asas,

cresce-lhe a fronte e as unhas, compridas, se encurvam e  
apenas move as penas dos braços inertes;

fez feia ave, núncia de luto vindouro;

coruja ignava, agouro funesto aos mortais. 550

Esse parece, pela delação e a língua,

que mereceu a pena; mas, vós, Aquelóides,

por que as penas e os pés de ave em virgíneo rosto? Acaso,  
porque, estáveis lá, sereias doutas,

quando Prosérpina vernais flores colhia? 555

E, depois de uma busca vã em todo orbe, para que o mar sentisse o vosso sofrimento, sobrevoar as ondas com remos alados,

rogastes logo aos deuses propícios e os membros

súbito vistes se cobrirem de asas flavas. 560

Porém, para que o canto, deleite do ouvido, e aquele grande dom vocal não se perdessem rosto virgíneo e voz humana vos restaram.

Então, entre o irmão e a irmã aflita, Júpiter

divide por igual o ano em rotação; 565

agora, a deusa, nume comum aos dois reinos, passa seis meses com a mãe, seis com o cônjuge. Logo, a deusa, mudou o semblante e a mente,

e a fronte antes triste, e até Dite notara,

se alegre agora, qual o sol que, antes coberto 570

de aquosas nuvens, das vencidas nuvens sai. Alma Ceres, em paz com a volta da filha,

te pergunta por que fugiste e és fonte sacra.

Calam-se as águas, e ergue a cabeça do fundo

da fonte a deusa e, os verdes cabelos secando, 575

narra os velhos amores do rio da Élide. “Eu era uma das ninfas da Acaia”, disse,

e nenhuma mais ávida em correr os bosques ou em armar as redes que eu havia.

E, embora não querendo fama de beleza, 580

embora eu fosse forte, chamavam-me bela. Nem me aprazia minha face tão louvada;

com que outras costumam se alegrar, eu, rústica, coro, e julguei crime aprazer-se em dotes físicos.

Lassa, voltava de estinfália selva, lembro-me; 585

calor fazia, que a fadiga duplicava. Encontrei uma água calma e sem ruído, translúcida até o fundo; podendo-se ali contar as pedras, pois parada tu crerias.

Branco salgueiros e um bem nutrido choupo, 590

às margens em declive sombras ofertavam. Me aproximei e os pés, primeiro, afundei,

logo, até o joelho; e não contente, dispo-me; deponho o véu suave num curvo salgueiro,

e nua na água imerjo. E, enquanto a fendo e arrasto, 595

deslizando de mil modos, e agito os braços, ouvi no meio d’água um murmúrio ignoto e aflita busco a margem mais perto da fonte.

“Por que a pressa, Aretusa?” Diz Alfeu na água;

“Por que a pressa?” com voz rouca de novo disse. 600

como estava, sem roupa, fujo; minhas vestes estavam noutra margem; isso o atança mais;

e, porque, nua, pareci presa mais fácil. Tanto eu corria, tanto o fero me acossava;

como fogem do açor pombas de asas trépidas, 605

como persegue o açor as trepidantes pombas. Até Orcômeno, Psófide, Cilene,

vales menálios, gélido Erimanto e Élida corri e eu era mais rápida do que ele;

mas eu não poderia, inferior em força, 610

correr tanto; no longo curso ele é constante.

Mesmo assim, por campos, montes cheios de árvores, pedras, penhasco e ínvias paragens, corri.

O sol estava às costas; vi, em meu encalço,

uma sombra alongar-se; ou o meu medo a via; 615

mas, me aterrava o som de seus pés, e a arfante boca soprava as fitas de minhas madeixas.

Da fuga exausta, digo: “Serei pega, ajuda,

Diana, tua escudeira, a quem sempre deixaste

levar teu arco e teus dardos dentro da aljava”. 620

A deusa comovida, espessa nuvem toma e joga sobre mim;  
coberta pela névoa,  
o rio me procura, ignaro, em torno à nuvem e duas vezes ronda  
o lugar onde a deusa  
me ocultara e “Aretusa, Aretusa”, chamou-me. 625

Frágil, tive coragem? Talvez a da ovelha  
ao ouvir os frementes lobos sobre o estábulo; ou da lebre que,  
do espinhal, vê as hostis bocas dos cães, e não ousa mover o  
corpo?

Mas, ele não se afasta; pois não viu sinal 630

de pé à frente; observa a nuvem e o local.

Um suor frio invade-me os membros vexados, e caem do meu  
corpo umas gotas cerúleas; onde o pé toca, mana água e meu  
cabelo

orvalho verte e os fatos te reconto rápido, 635

em fonte sou mudada. E porque reconhece a água amada, o rio  
larga o rosto humano e volta a ser corrente para a mim se unir.

Délia rompe a terra, e eu, imersa em cegas

grutas, chego à Ortígia, primeira a me erguer 640

no ar, e leva o nome da querida deusa”.

Até aqui foi Aretusa. A fértil deusa

duas cobras jungiu ao carro, à boca enfreia-as, e viajando nos ares entre o céu e a terra,

leva o carro ligeiro à cidade tritônida,645

e a Triptólemo ordena espalhar as sementes dadas em solo inculto umas, outras em lavras. Já, sobre os altos ares da Europa e da Ásia,

o jovem foi levado; e se dirige à Cítia.

Aí reinava Linco; e em seus penates entra. 650

Perguntado de onde vinha, o nome, e o porquê de vir, diz:

“Minha pátria é a ilustre Atenas, Triptólemo, meu nome. Nem por mar em nau, nem por terra a pé vim; abriu-se a mim o éter.

Trago de Ceres dom que esparso em vastos campos, 655

dará férteis colheitas e alimentos tenros.

O bárbaro o invejou e quis ser o autor

do grande dom; o hospeda, e quando o sono o toma,

tenta atingir-lhe o peito, brandindo uma espada:

Ceres o tornou lince e ao jovem mopsópio 660

mandou de novo ao ar guiar as sacras juntas”. Findara o douto canto a maior de nós todas; E as ninfas declararam as deusas do Hélicon, vencedoras, unânimes; como as vencidas

insultassem, diz: “Já que foi pouco o suplício 665

justo pelo certame, ainda mais injúrias juntais; a nossa  
paciência tem limite, vamos à pena, até onde nos leve a ira.

Rindo, as Emátides, desdenham ameaças;

quando com grande grita, tentavam, ousadas, 670

nos ferir com as mãos, das unhas viram penas saírem e  
cobrirem-se os braços de plumas

e uma vê se alterar num bico rijo o rosto da outra e, aves novas,  
na selva, se vêem.

E, enquanto se debatem, se elevam e movem 675

os braços pelo ar, gritam na mata, as pegas. E até hoje  
conservam antiga facúndia, rouca parola e atroz desejo de  
falar.

**InfoLivros.org**

